

PRISMA



REVISTA DE FILOSOFIA CIÊNCIA E ARTE

DIRECTOR:
AARÃO DE LACERDA

SUMÁRIO:

JÚLIO DINIZ, INSPECTOR DE ALMAS
MYSTÈRE, ÁGUEDA, ALENTEJO, *FÉLICITÉ*
(Versos)
A-PROPÓSITO DE UM REVOLUCIONÁRIO DA
«MARIA DA FONTE» — O P.º CASIMIRO JOSÉ
VIEIRA
«SENHOR FORA» (Versos)
PELOURINHO DE PINHOVELO
DR. LUIZ MOREIRA DE SÁ E COSTA
O PINTOR ALEMÃO KATZENSTEIN EM POR-
TUGAL
S JOÃO BAPTISTA, DESENCANTO, PARÁBO-
LAS DA MONTANHA (Versos)
UMA OBRA DE NASONI DESCONHECIDA
O TÚMULO DE MARTINHO AZPILCUETA
CARICATURISTAS PORTUGUESES
ALGUNS ASPECTOS EROSIVOS DOS GRANITOS
DO NORTE DE PORTUGAL
NÓTULA

LUIZ DE PINA

PEDRO HOMEM DE MELO

CARLOS TEIXEIRA
VERGÍLIO AMARAL
Fot. de F. CORREIA DE ARAÚJO
MARIA HENRIQUES OSSWALD F. I. L.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

CAMPOS DE FIGUEIREDO
ANTÓNIO CRUZ
GUIDO BATTELLI
ALBERTO MEIRA

J. M. COTELO NEIVA
A. C.

DESENHO de LUIZ FELIPE na pág. 155

CAPA de AUGUSTO GOMES

GRAYURAS de MARQUES ABREU

PRISMA

REVISTA DE FILOSOFIA, CIÊNCIA E ARTE

DIRECTOR:

AARAO DE LACERDA

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Praça da República, 197 — PÔRTO

EDITOR:

ALEXANDRE COELHO

DEPOSITÁRIO: DOMINGOS BARREIRA

LIVRARIA SIMÕES LOPES — Rua do Almada, 123 — PÔRTO

Composta e impressa na IMPRENSA MODERNA, LIMITADA — Rua da Fábrica, 80 — PÔRTO

Esta revista será enviada aos senhores assinantes contra reembolso, ao preço de cinco escudos.

IMPRENSA MODERNA, L.^{DA}

==
**TIPOGRAFIA e
ENCADERNAÇÃO**

RUA DA FÁBRICA, 80

TELEFONE, 883

P O R T O

JÚLIO DINIZ, INSPECTOR DE ALMAS ⁽¹⁾

HÁ quatro dias, em serão na Faculdade de Medicina do Pôrto — antiga Escola Médico-Cirúrgica de que foi professor o Dr. Joaquim Guilherme Gomes Coelho, ou, como deve chamar-se, Júlio Diniz; há quatro dias, minhas Senhoras e meus Senhores, aí perorei à roda dum tema que me calhou por sorte, qual era o de examinar o grande romancista à luz natural das relações da Medicina com a sua Obra ⁽²⁾.

Disse o que sabia, fiz o que pude. E nem o que sabia, tristes nonadas, nem as minhas fôrças lograram cousa maior do que encher remorridamente quarenta minutos daquele serão. Ao que disse, onde ajuntarei eu mais garavatos para avultar-lhe o molho?

Então, nessa noite, francamente confessei a picosa dificuldade do tema. Que vos confessarei então hoje, Senhoras e Senhores, que não sei dizer mais nada, que não posso dizer mais nada?

E, contudo, o tema foi escolhido por mim, eu escolhi o argumento desta parlenda que hei-de embetesgar em arrojada meia hora, promessa que cumprirei melhor do que a de dar-vos cousa valedoira e aprazível.

Desta noite, que é vossa, minhas Senhoras e meus Senhores, não pretendo aforar tempo para meu regalo. Não será êsse meu pecado. O único que hei-de cometer, à certa, só a memória daquele que se festeja aqui mo poderá remir. Porque — disso me repêso já, não farei aí estudo que lhe mereça aprovação: nem pelo estilo, nem pela pouco miolosa substância.

Tudo será caíno e torto! Não sei fazer melhor, nem três dias foram sobejo prazo para enfeixar numa vintena de laudas tema assaz transcendente como êste: *Júlio Diniz, inspector de almas*.

E o meu amável convidador sabe que o seu rôgo mo mandou pelo fio, há oito dias. Foi assim uma cousa a parecer-se com *ultimatum*. Ora eu sou pacifista, detesto conflitos armados e desarmados. Nem mos mereciam a devota governação desta casa, nem Júlio Diniz, nem estes gloriosos Fenianos.

(1) Conferência lida no Clube dos Fenianos (Pôrto), na noite de 18 de Novembro de 1939.

(2) Conferência lida no Salão Nobre da Faculdade de Medicina do Pôrto, na noite de 14 de Novembro de 1939 — *A Medicina na Obra de Júlio Diniz*.

Aqui está uma explicação claríssima, que não incha com intenção de granjear perdões, mas apenas com a tenção de perdoar-me a mim próprio, pela louquice que fiz. Mas, está feita. Já agora, o caminho é para diante, sem Cireneu à ilhargá, nem Verónica a enxugar-me o suor do rosto.

Onde se fazem, aí se pagam. Pagarei tudo, Senhoras e Senhores, com língua de palmo. O que não quiere dizer que se assustem com tão vasto comprimento dêsse musculoso órgão, o mais traiçoeiro, o mais vil, o mais descarado dos órgãos do corpo humano, vida e alma da nossa bôca, tirante os dentes.

E todos nós sabemos que pela bôca morre o peixe, e bem pode morrer um orador da casta dêste que tem a honra de vos falar hoje.

Não mais exórdio, para entrar na matéria.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES :

Dissera eu, nesse serão da Faculdade Médica da nossa Universidade, que «se há relações da Medicina com a sua obra, certo é que tôdas se deslaçam e diluem na sombra, em frente da radiosa intuição psicológica e psicométrica do distintíssimo escritor. Júlio Diniz, inspector de almas! Eis em cinco palavras aquilo que eu, pelo menos, mais considero no nosso Professor de Medicina. Aí, sim, vemos o médico e o mestre, moderno, desenvencilhado da clássica, embora sempre necessária, prática clínica.

Êle antevia a importância da nova escola médico-psicológica, dessa que, duma banda, mergulha frança pujante na fonte da Psiquiatria e, de outra, a faz haurir seiva novíssima na tina fresca da Psico-medicina, da Psico-análise, da delicadíssima inspecção do subconsciente! Tôda a gente sabe, na classe, a importância que se dá, por aí fora, à Psicologia na arte e na prática médicas.

Essa arte psicológica na clínica, dêbilmente tentada dentro de nossas fronteiras, está na berra lá por fora, ensinada e tratada proveitosamente por um Laignel-Lavastine, um Kretschmer, um Marañon, um Austregésilo, um Loudet, um Freud ou um Adler. Essa intuição psico-médica a revela concisamente Júlio Diniz nas *Pupilas*, em comento à terapêutica pelo gracejo :

«Esta bossa anedótica é sempre de grande valor para o facultativo que aspira à vida clínica. Uma história contada a tempo e com graça, vale bem três recipes, pelo menos.»

De-resto, em tôda a obra diniziana transverbera sua altíssima qualidade de psicólogo, que me impele a considerá-lo o *criador da literatura psicológica em Portugal*, com todos os pergaminhos e cartas régias exigidas para o título.

O grande poeta António Feliciano de Castilho, em carta mandada a Júlio Diniz, dizia-lhe:

«— Eu, por cima dêsse mérito, reconheço-lhe ainda o de filósofo e moralista, que algum dia tem de ser colocado entre os de primeira plana. Teofrasto e La Bruyère não debuxaram com mais exacção os caracteres. Balzac mesmo não lê mais por dentro nos indivíduos. V. Ex.^a, além do esmêro com que nos pinta o mundo exterior, e nos fotografa a sociedade, tem o raro dom de intuspecção no mais eminente grau. Cumpre o *nosce te ipsum*; ciência rara! e ousa (o que também não é vulgar) não desviar jamais os olhos da eterna máxima, risota hoje para muitos:

Rien est beau que le vrai, le vrai seul est aimable. (1).

Sim, minhas Senhoras e meus Senhores, Júlio Diniz soube, como ninguém o faria no seu tempo, manejar tão dextramente as alfercas na cava da alma humana, dos caracteres, dos temperamentos e do coração, que bem lhe calha o título de *inspector de almas*.

Dizia um notabilíssimo prægador luso, em sermão dedicado a Santo Inácio, no Colégio de Santo Antão, em Lisboa, no ano de 1669:

«— O melhor retrato de cada um é aquilo que escreve. O corpo retrata-se com o pincel, a alma com a pena» (2).

Nem melhor, nem mais apertadamente se poderia verter ao papel conceito tanto a-propósito-de Júlio Diniz, se o sermoneiro do século XVII tivera conhecido o romancista do XIX.

O melhor retrato de cada um é aquilo que escreve, disse o jesuíta seiscentista. Júlio Diniz, se não o conhecêramos pela biografia que anda na letra redonda, estaria retratado na sua obra e à maravilha. Como conceituou o prægador citado, o amorável romancista retratou-se com a pena.

Mas, não se fotografou ou reproduziu, à feição de tantos, empiricamente, involuntariamente, ao acaso. Não, Senhoras e Senhores, Júlio Diniz, delicadíssimo observador naturalista, profundíssimo indagador de sentimentos e acções, honestíssimo aferidor de si próprio, de si partiu para tôdas as criações que nos deixou.

O mesmo é dizer que de si mesmo extraíu a substância de suas personagens e das acções das figuras que iluminam a sua obra. Deu-se todo, entregou-se todo, derramou-se e fundiu-se todo nas suas personagens primaciais.

Mais curioso ainda é que, em Júlio Diniz, havia como que duas naturezas diversas, dois temperamentos diversos. Havia em Júlio Diniz, — julgo-o bem, abscôndita camada feminina na sua indiscutível compleição masculina.

(1) Júlio Diniz — *Inéditos e Esparsos*. Lisboa, 1910. (Prefácio, XXXII).

(2) Padre António Vieira — *Sermões*, vol. VII, págs. 395. Pôrto, 1908.

De um lado, a delicadeza rtica duma ascendência inglsa: sua mi era filha de inglêses, seus avós maternos eram, pois, inglêses; de outro lado, a pesar sôbre a herança fisiológica e temperamental da mi, que o orfandou aos 5 anos, também tsica, Júlio Diniz sentiu a dura garra dessas duas influências.

Tuberculoso, a sua sensibilidade, já de si apurada, sublimou-se no alambique singular dessas condições fisiológicas da vida. Sabe-se, por muito estudo escrito por êsse mundo, que a tuberculose pulmonar acentua e vinca as sensibilidades, acepilha-as como o lavrante faz no pulimento da prata ou o artífice na lapidação dos diamantes. Nos músicos, nos poetas, nos pintores — de todos havia centelha no temperamento de Júlio Diniz, a unha da tsica, mais do que em outros homens, os chamados normais, deixa negra e indelével gretadura.

Eu lembro, neste momento e para não alegar outros, Francisco Eduardo, Soares de Passos e António Nobre, músico um, poetas os dois últimos, todos trs desta boa e nobre terra portuense.

Quem desconhece a realidade desta asserção? Parece, embora tristemente, que a tuberculose selecciona na massa dos homens os artistas, que os escolhe, que os prefere. Atrevo-me a pensar, muita vez, se a arte, a delicadeza do sentimento e a graça da alma não são sintomas da tuberculose pulmonar!

Em Júlio Diniz o facto é verdadeiro. Egas Moniz, o mais completo dos seus biógrafos, alude a isto e convence-se disto. Escreve o ilustre Professor de Medicina de Lisboa:

— «Dentre todas as doenças tóxicas, nenhuma, de-facto, se caracteriza, no âmbito mais elevado do sistema nervoso, por um psiquismo tão sentimental. O tuberculoso tem acessos de uma melancolia *sui generis*, em que são raras vezes o desalento e muito menos a ansiedade vem completar e ennegrecer o quadro. E ao lado dêstes estados hipocondríacos, e alternando com êles, há verdadeiros períodos de optimismo, ou mais precisamente, de euforia, como é uso dizer-se em linguagem psiquiátrica.

Através da arte, manifesta-se a acção tóxica da tuberculose com um tal recato, em tão justas proporções, que passa quási sempre despercebida mesmo aos olhos dos que andam mais ao corrente destas investigações psicológicas.

 grande a lista dos tuberculosos que, nas diversas manifestações da arte, deixaram criações imortais. Na pintura tem-se querido interpretar a obra mística e serena de Rafael através da sua tsica; na música, entre muitos, quseram descortinar as belezas melódicas das composições de Mozart e Weber no descabro causado pelo morbo consumptivo; na literatura avulta, acima de todas, a melancolia lúcida e dolorosa do príncipe dos poetas, Vergílio» (1).

(1) Egas Moniz — *Júlio Diniz e a sua Obra*, vol. I, Lx., 1924.

É assim, como artista-tuberculoso, que devemos observar o malogrado escritor, que a batalhação de concursos pedagógicos na Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto tão prosaicamente ajudou a derrubar, como pé de vento à débil bonina no vergel desamparado.

Compleição delicadíssima a de Júlio Diniz, ela explica a sua forma literária, sua maneira de psicólogo, seu estilo. Disse e repito que o romancista se deu todo à obra que escreveu, nela se retratou, espiritualmente, de frente e de perfil, por dentro e por fora.

Disse, noutro lugar, que a obra do imortal escritor é tóda um grande monólogo ou solilóquio consigo próprio. Ela é, convictamente o afirmo, o seu diário, seu livro de horas, seu confidente mais íntimo, seu desabafo, seu cofre forte da alma, do coração e dos sentidos.

Todos sabem como êle avaramente guardava segrêdo do que escrevera. Ouçam-no a êle próprio :

«— Já experimentei êste efeito de indiscrição alheia. Escrevia a *Morgadinha dos Canaviais* e entregava-me com ardor ao trabalho. Um dia, o correspondente portuense do *Jornal do Comércio* de Lisboa noticiou ao público que eu andava escrevendo um novo romance assim intitulado.

Causou-me uma desagradável surpresa a revelação e por muitos dias não me apeteceu trabalhar.

A razão principal dêste efeito em mim, está em me serem insupportáveis tôdas as espécies de peias neste género de trabalho.

Guarda-se pois muito escrupulosamente o autor de devassar os segredos da sua elaboração literária e só apareça ao público para lhe apresentar completa a nova criação. Siga o exemplo que lhe dá a natureza, que tão avara se mostra dos mistérios da formação dos séres, para a celebração dos quais como que, mais do que para os outros, se recata e concentra» (1).

Mas onde tão reservada atitude mais se marca é noutro passo do lugar que acabo de repetir :

«— A publicação de um livro, por muita glória e proveito que traga ao autor, é sempre uma espécie de profanação dêsses filhos queridos da fantasia, que êle velava e acalentava com um verdadeiro amor de pai.

Há uma espécie de antagonismo nos sentimentos de alma com que o autor vê sair do recato do seu gabinete para o mundo da publicidade o manuscrito a que dedicou longas horas de meditação e de vigília. Por um lado, experimenta-se a satisfação que acompanha sempre a realização de qualquer projecto.

Para o público foi escrito o livro; o dia em que ao público se entrega é, pois, um dia de vitória. Porém ao mesmo tempo uma certa melancolia, uma quási saúde nos punge nesse momento solene. Tôda aquela gente

(1) *Inéditos e Esparsos*, págs. 43 e 45.

que vivia só para nós, vai ser alvo da observação de milhares de pessoas. O mundo onde só os nossos olhares penetravam, vai ser devassado por olhares curiosos; cessa de alguma maneira o império absoluto da nossa vontade no destino daquelas criaturas. Daí em diante já não são exclusivamente nossas. Emancipam-se.»

Porquê, como se explica esta idea de Júlio Diniz? Para mim tenho que outra não pode ser a dilucidação do caso:—o romancista, pondo nos seus livros a sua própria personalidade, desnudando nela a sua alma, desentrouando nela o seu temperamento, chega o dia em que outros vão olhar, gozar, saborear, apreciar a nudez dessa alma e dêsse temperamento. E, então, o pudor lembra-lhe a realidade do facto e cora, e envergonha-se de aparecer assim aos olhos do público, dos outros!

Dizia Júlio Diniz, como ouviram, que isso da publicação dum livro é sempre para o autor uma espécie de profanação. Eu direi, talvez mais cruamente, mas menos encobertamente, que isso, para o delicado homem que elle foi, não seria somente uma profanação, mas uma autêntica violação ao pudor.

As próprias palavras de Júlio Diniz, há pouco repetidas, dão a mais poderosa força à explicação da sua maneira de escritor. Alguém disse, e pendo muito a crer na leviandade da asserção, que Gomes Coelho se escondera no pseudónimo de Júlio Diniz, por cobardia de meter o peito às lançadas da crítica!

Justos céus, que pavorosa idea essa de Andrade Ferreira, autor dêste juízo. A causa do escondimento encontra-se exposta no que atrás disse. Questão de pudor, ainda, nada mais. De pudor e de modéstia, cousas que andam sempre de parçaria. E porque não dizê-lo, de galantaria feminina, de mistério feminino, de graça feminina!

Como se isso de pseudónimos fôsse cousa rara:—Ó George Sand, ó Pierre Loti, ó Anatole France, o que diriam de vós se tivésseis o nascedouro em Portugal e aqui vivésseis! O que se diria de vós!

E já que falei de pudor, elle mesmo, Júlio Diniz, o explica desta forma, em carta que, como mulher—Diana de Avelada—escreveu a certo crítico:

«—O pudor é instintivo na mulher, precede a razão que o explica. Cora-se, sem saber por que, como a criança chora de medo antes de ter conhecimento do perigo. Os caracteres mais feminilmente delicados, ou, como quizer, mais delicadamente feminis, recebem da natureza a faculdade de corar de pejo, como um sexto sentido, que lhes faz pressentir um mal ainda para elles indeterminado. São como estas organizações excessivamente nervosas que experimentam sensações indefiníveis na aproximação das tempestades e emquanto um céu ainda límpido as não revela às minuciosas observações dos homens *entendidos*. É uma faculdade misteriosa esta de corar, própria da mulher, como a contractilidade da sensitiva; é como o instinto da andorinha, que a impele à procura de climas novos, sem conceber

o perigo que corre persistindo nas mesmas florestas, cuja verdura começa apenas a desbotar» (1).



Logo, como epítome do argumento, direi que o poder de conhecimento da Psicologia com que opulentamente se debulhou em toda a sua obra é, nada mais, nada menos, do que esse poder de analisar-se a si próprio, para depois analisar os outros. Os outros que, neste caso, são as suas personagens.

Inspector do seu *eu*, do seu complexo psico-moral, do seu interior, contínua e profundamente, Júlio Diniz foi um auto-analista psicológico, um dos mais crentes estudiosos do subconsciente, desse misterioso *eu* que todos encoframos dentro de nós, que não vemos, nem sentimos, nem pressentimos, mas que, sem querermos, tange sineta a cada passo, para mostrar-nos tal-qual nós somos.

Estudioso notável do subconsciente, desse *eu* coberto pelo tenuíssimo verniz da educação e do preconceito, que todo o abalo quebra, todo o impulso deslacha, toda a revoltazinha descola!

Razão tinha, e pesadíssima, o romântico e notável Castilho ao dizer que Balzac não leu mais por dentro dos indivíduos do que o nosso Júlio Diniz.

Mas, bradara eu noutra lugar, parece terem existido no temperamento do grande escritor assim a modos de dois temperamentos irmãos, dois temperamentos a contrabalançar-se: um, masculino, severo, forte, sobranceiro mesmo; outro, a modos de feminino, sensível, delicadíssimo.

Entre as causas deste dualismo temperamental ou, se quiserem, desta duplicidade psico-moral, indiscutível, à parte as já tratadas, alinhem-se outras não menos eficientes e principais.

Sabe-se que Júlio Diniz, doente e débil, como plantazinha a que todo o esteio faz falta, achegava-se à luz e ao calor da vida de família, mal-aventurada família: irmão de 8 irmãos aniquilados pela tuberculose, como a Mãe. Seu Pai, temperamento oposto, rude, severo, concentrado, éle o descreve talvez neste passo da sua obra, entre os tipos reservados:

— «Deixem-nos assim. Não queiram erguer-lhes a frente que involuntariamente se inclina; não tentem iluminar-lhes com sorrisos a fisionomia, sobre a qual se derrama uma serena gravidade; não se esforcem por lhes tirar dos lábios comprimidos uma palavra qualquer; o fogo da vida que parece tê-los abandonado, deixou somente a superfície para mais intenso se lhes concentrar no coração» (2).

Talvez o tivesse retratado, a seu Pai, se não deletreio, nas figuras de Mister Richard Whitestone e D. Luiz, da *Casa Mourisca*.

(1) *Inéditos e Esparsos*, págs. 143.

(2) *As Pupilas do Senhor Reitor*, págs. 71.

A verdade é que Júlio Diniz, à parte suas amizades masculinas, amparava-se intimamente às femininas de sua família: a madrinha Rita, a sobrinha Anitas, as primas, a cunhada e, naturalmente, a amigas e conhecidas destas.

Como sempre, a Mulher presta aos doentes carinho e solicitude inexcedíveis, num sacrifício de vida que nenhum interesse mascarra. E os doentes, como Júlio Diniz, velados por mulheres, cercados por mulheres, amimados por mulheres, afeiçoam-se-lhes por inteiro e acomodam sua vida e sua maneira de ser às das vigilantes e enfermeiras.

Assim, um temperamento delicado como o do nosso pobre físico, havia de sentir, e muito fundamente, o pêsso, aliás agradabilíssimo, desse ambiente tão feminino.

Depois, nas suas deambulações de enfêrmo, à busca de sol e de ar melhores, o artista vivia sòzinho, insulado em si próprio, cogitante, a filosofar, a discretear consigo sôbre a vida. Pensador profundo, um solitário!

Em si, os dois temperamentos lutavam, testilhavam secretamente. Um Júlio Diniz era severo, era forte, era calmo, era tenaz e por vezes rude, herança paterna; o outro Júlio Diniz era sensível, era amorável, era débil e arrebatado, herança materna.

Neste segundo havia ainda, por vezes, assomos de imprudência e de leviandade afectiva.

As personagens que copiou do natural, desprezando figuras que não compreendia por se não parecerem consigo, confirmam a asserção.

Há, de-facto, dois grupos essenciais das figuras de sua obra. Um, onde se alinham, fixamente e rectamente, aquelas de carácter positivo e prático, temperamento firme, affectividade reservada, prudentes e lógicas: assim é a Morgadinha, assim é Jenny, assim é Augusto, assim é Jorge. Noutro grupo vivem outras, caracteres mais complexos, multiformes, corações bons e cabeças desgovernadas, ao ponto de serem levianas, imprudentes, fantasistas e nada práticas: assim é o Daniel das Dornas, assim é Henrique de Souselas, assim é Clara, assim é Carlos Whitestone, assim é Maurício.

Dois grupos essenciais, hoje bem classificados na nova ciência constitucionalista e temperal que Pende, Viola, Kretschmer e tantos mais têm estudado e definido nas suas obras. São os dois tipos fundamentais da personalidade humana, tipos opostos, como opostas são as constituições físicas do homem, definidas na designação grosseira de *alto* e *baixo*, de *gordo* e *magro*. Assim tipos à feição de Quixote e Sancho Pança, coração e cabeça, espírito e matéria, teoria e prática!

Dêstes dois tipos, repito, havia farta representação em Júlio Diniz. Amoroso, idealista, desejoso de gozar a vida que outros saúdáveis gozavam, Júlio Diniz retrata-se em Daniel e em Clara; sisudo, prático, prudente, em Jenny e em Augusto.

Por isso todos êsses tipos — no que pese a alguns críticos — são exactos, como não podia deixar de ser. Por duas razões principais: — porque os descrevia um autêntico psicólogo e porque eram extraídos do natural, próprio e alheio!

De-resto, nas suas mesmas palavras topamos abundantes provas. É de ver como o seu temperamento masculino se abafa nas célebres cartas a Ramalho Ortigão e outras, subscritas com o nome de Diana de Avelada, cartas de verdadeira mulher, que iludiram até à última aquêle crítico sagaz. Nelas, nessas cartas adoráveis, escreve o nosso Júlio Diniz, disfarçado em mulher, mãe de duas filhas:

— «Eu tenho duas filhas, Ernestina e Luíza. Ernestina é de uma sisudez de carácter, de uma constância nos affectos, de uma perseverança nos sentimentos bons, que a mim e a todos que a conhecem, impõe, a-pesar-dos seus quinze anos apenas, uma certa veneração. Luíza é boa também, mas affectada de leviandade, que cedo principiou a inquietar aquela pobre cabeça. Sei que é volúvel, sinto apreensões pelo seu futuro, temo, se temo! que pode vir a causar o infortúnio dos que lhe confiarem o seu amor, fazendo-os sacrificar, a um mero capricho, a uma fantasia momentânea, a mais violenta paixão que se possa inspirar. E sabe a única esperança que me restava ainda? Era a influência benéfica de Ernestina; confiava nela para dominar as más tendências da irmã, não por meio de prédicas presumidas e ridículas mas com a silenciosa eloquência do exemplo, género de educação que, sem repararmos, pouco a pouco se apodera de nós e cedo nos tem avassalado inteiramente, operando em nossos pensamentos uma completa metamorfose» (1).

Convictamente creio que Júlio Diniz personifica em Ernestina e Luíza — os tais dois tipos de que falei, os seus dois temperamentos, as suas duas naturezas, as suas duas inclinações temperamentais. Disse o escritor: *eu tenho duas filhas*, como se dissera: *eu tenho duas almas!*

Aí fica, minhas Senhoras e meus Senhores, a explicação cabal, iniludível e indestrutível, do complexo temperamento de Júlio Diniz, dessa duplicidade que várias vezes debuxei.



É certo que a Mulher Portuguesa deve ao grande escritor o mais simples, mais entusiástico louvor com que afestou suas qualidades. É certo que a mulher portuguesa jamais pagará a essa outra mulher hipotética que se chamou Diana de Avelada — afinal um homem, Júlio Diniz, estas palavras e estes conceitos:

(1) *Inéditos e Esparsos*, págs. 147.

«— A mulher digna de o ser é aquela em cuja ortografia os eruditos tenham que lamentar a ignorância absoluta das letras gregas e latinas, a que dos jornais políticos só lê o folhetim, a que dum livro passa em claro os prólogos, que põe de parte as considerações filosóficas dos romancistas para seguir o entrecho do romance; que perde de vista a idea metafísica do autor, para não ver nos acontecimentos narrados senão acontecimentos, a que não tem o ridículo descôco de repetir após a leitura o *qu'est ce que la prouve* de filosófica e insupportável memória. É a que folga com os casamentos no final da novela, chora sinceramente a morte da heroína, sonha com a beleza do herói e odeia do coração o pai, o tio, tutor ou conselho de família que se opõe à realização dos castos desejos dos dois amantes.

É assim que eu compreendo a mulher, pois é assim que eu sou formada, eu e as minhas amigas tôdas» (1).

É assim que eu sou formada, diz Diana de Aveleda. É assim formado o meu outro temperamento, diria Júlio Diniz!

Contudo, nós também, os homens, temos de agradecer-lhe o haver mostrado somente homens ideais ou, melhor, o haver prestado mais atenção a homens ideais. Prebenda essa impagável.

Não há por aí, de-certo, muitos inscritos nesse vasto e complicado sindicato que é o sexo forte, que possam emparceirar com um Jorge, um Augusto, um João Semana, um D. Luiz ou um Ricardo Whitestone, um Tomé da Póvoa! Da casta de Daniel, de Maurício, de Henrique ou de Carlos topareis vós grande cópia dêles, distintíssimas Senhoras que me ouvis!

Mas, até êsses são bons; não viria, por êles, muito mal ao mundo ou a vós, que porventura sonhais com aquêle que há-de conquistar-vos o coração um dia!

De-resto, outros tipos masculinos da obra de Júlio Diniz demonstram a masculinidade forte do outro seu temperamento; há fôrça, há virilidade, há energia, há vida varonil num Herodes, pai de Ermelinda, num Cosme, *alter ego* do Joãozinho das Perdizes, num Pedro das Dornas, num Tomé da Póvoa.

E, relembre-se, há rutilâncias dessa mesma masculinidade nos assomos de Augusto, na chibança de Henrique, na coragem de Carlos, na leviandade de Maurício!

É bom, pois, dizer-se que a Mulher e o Homem devem imensos favores a Júlio Diniz. Agradecidos devemos ser todos, elas e nós, sexo fraco e sexo forte, se é que nisto da psicologia do amor, tão bem tratada por Júlio Diniz, o forte não é o fraco, e o fraco não é o forte!

Pendo mais a crer nesta troca ou escambo, do que na clássica adjectivação dos sexos.

(1) *Inéditos e Esparsos*, págs. 139.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES :

Não foi Júlio Diniz um inspector de almas? Ninguém responderá negativamente, postas assim em frente de todos as razões do apodo.

Do seu método de análise, da sua técnica psicográfica e psicométrica — passe o vocábulo — falam suas próprias obras.

Êle o diz neste passo :

«— Vejamos, porém, um autor menos atrevido. Concebe uma idea que quer desenvolver pelo romance. Cria as personagens entre quem se deve passar a acção, dota cada qual com o seu carácter próprio e individual, carácter escolhido e estudado na vida real. Coloca-as num mundo de todos conhecido; dá-lhe para meios de acção os meios ordinários; ilumina o quadro com a esclarecedora luz da realidade, que dissipa os mistérios. Põe depois todos estes caracteres em movimento, dirigindo-os de maneira que nunca se desmintam, calculando o progresso da acção de acôrdo com a idea primordial e com as exigências lógicas dos meios escolhidos para a realizar. Procura tirar do confronto e combinação dos caracteres ali reunidos o principal efeito das cenas e dirige-as incessantemente para o fim que teve em vista, sem se socorrer de meio algum maravilhoso; esforça-se por fazer evolver a idea da como natural sucessão dos acontecimentos narrados. Consegue dar o cunho de verdade aos episódios que narra, a ponto de as personagens esconderem completamente o autor nestes momentos; consegue quasi fazer acreditar que as cousas não podiam haver sucedido de outra maneira, tão natural foi a filiação e seqüencia dos factos, tão lógicos os resultados que deu de si o conflito de bem determinados caracteres» (1).

Noutro ponto exclama :

«— A verdade parece-me ser o attributo essencial do romance bem compreendido, verdade nas descrições, verdade nos caracteres, verdade na evolução das paixões e verdade emfim nos efeitos que resultam do encontro de determinados caracteres e de determinadas paixões» (2).

Num outro lugar de sua obra extrai-se, com a maior facilidade, o segredo do seu método analítico :

«— Quando encontramos em um livro pensamentos que já tivemos um dia, sentimos agradável surpresa, como ao darmos em um lugar, inesperadamente, com uma pessoa conhecida; quando no carácter, no coração de uma personagem literária há alguma cousa que é nossa, quando nos reconhecemos em parte personificados numa criação, redobra o interesse com que o acompanhamos nas peripécias do drama» (3).

(1) *Inéditos e Esparsos*, págs. 35-36.

(2) *Id. id.*, págs. 33.

(3) *Ibid.*, págs. 31.

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

É ponto de rematar a parlenda, que já desborda as encóspias que marquei ao começá-la.

Do que se sabe já e do que se disse aqui, uma grande lição se granjeia: a de que Júlio Diniz, como honesto inspector de almas, se quiserem, de caracteres, é um grande educador. De filósofo e moralista o acoimou, precisamente, Feliciano de Castilho.

E éle é-o, na verdade. Por isso não pode deixar de ser considerado um dos grandes cabouqueiros da educação nacional; o mesmo é dizer que os seus livros são manuais de psicologia e moral applicadas à cultura das almas, que tão delicadamente inspeccionou.

Ponto é que se leiam e releiam. Se, como condição de havermos boa e honesta casa — diz D. Francisco Manuel de Melo ⁽¹⁾, os livros dentro dela hão-de ser alguns, não muitos; se, como pensava Ramalho Ortigão ⁽²⁾, pelo «livro escondido no estojo da costura ou aberto no toucador, podemos ajuizar como pensa nesse dia a dona do toucador e do estojo» e que «um livro mau é muito mais perigoso do que geralmente se cuida», infere-se que as nossas mulheres devem ler pouco, mas bom.

O conselho para ler pouco, no nosso país, é cousa dada aos ventos, porque se lê pouquíssimo. Milagre seria o conselho contrário. E, quanto a bom, peçamos outro milagre aos santinhos das prensas de letras!

Seja como fôr, aos livros de Júlio Diniz não os torturam os censores officiais, nem lhes cifra condições no *pode correr* a louvável moralidade de pais e de mãis.

Lê-los, é educarmo-nos. E não digamos ao modo do Abade Santo Antão, respondendo a filósofo que lhe preguntara como podia viver sem livros: «— O meu livro é a ordem das criaturas, o qual eu tenho sempre aberto diante dos meus olhos e me ensina as cousas de Deus que desejo saber» ⁽³⁾.

Não aprovo tão celestial conceito. A contemplação da natureza e do mundo, tal como são, tem seus perigos em nossos dias. A não ser que armemos os nasais com óculos fumados ou luneta de grau desacomodado. Vou pela teoria de que faz bem à saúde ler alguma cousa, porque os livros «são amigos que falam sem lisonja, sem temor, sem pressa, sem ruído, quanto e quando quere a pessoa, e, se ela os não entendeu, bem pode mandá-los repetir o que disseram, sem pejo seu, nem enfado déles» ⁽⁴⁾.

Falou Bernardes, minhas Senhoras e meus Senhores: — eu não devo dizer mais nada.

LUIZ DE PINA.

(1) D. Francisco Manuel de Melo — *Carta de Guia de Casados*.

(2) In *Inéditos e Esparsos*, págs. 158.

(3) Padre Manuel Bernardes — *Nova Floresta*, vol. 5.º. Pôrto, 1911.

(4) Padre Manuel Bernardes — *Ob. cit.*, págs. 312.

MYSTÈRE

SON cou long, dédaigneux,
Dédaigneux et rebelle,
Quoique neigeux révèle
Un sombre esprit de feu.

Mais au frêle dessin
Des tombantes épaules
Mon coeur retrouve enfin
Son véritable rôle:
Celui d'aimer, d'aimer
Cette belle statue
Aux mouvements ailés...

Ma déesse pourtant
N'est pas tout a fait nue,
Car malgré le charmant
Langage du sourire
Personne ne peut lire
En son âme derrière
Le voile des paupières;
Et l'ombre des cils d'or
Met sa robe légère
Sur le marbre du corps...

ÁGUEDA

(PAYSAGE PORTUGAIS)

LA lumière danse et va légère
Par les chemins étroits, presque ignorés, du bourg.
Lá, où la nuit cacha la douleur, la misère,
L'on ne voit maintenant que des traces d'amour.

Le moindre mouvement fait chanter le cristal
De l'air où l'or, un or pâle, ruisselle...
Et le ciel devient bleu, même au fond des prunelles.
Car enfin c'est l'hiver! L'hiver... au Portugal!

Si l'on trouve des vieux au seuil de chaque porte
Rien n'est plus tendre au coeur que de sentir comment
Le soleil, très lent, passe et couvre de la sorte
Ceux qu'il a vus enfants.

Cette fille, pourtant, dont la cruche nous dit
Que les pas du sentier vont jusqu'à la fontaine,
Entre de longs cils noirs montre un regard meurtri
Où l'âme triste et douce en rêvant se promène...

ALENTEJO

(PAYSAGE PORTUGAIS)

Ao Conde d'Aurora.

DES bohémiens s'en vont sur la route étrangère
Où s'attardent les yeux...
Les vêtements troués, tachés, pleins de poussière,
Laissent voir la peau brune aux doux reflets soyeux...

Des bohémiens s'en vont sur la route étrangère
Où s'attardent les yeux.

Ils s'en vont en chantant... Quelle rumeur de chaînes
Sur la route! (Le chant c'est le cri du destin...)

Ils s'en vont, ils s'en vont sans savoir ou les mène
Chaque pas que l'oubli effacera demain!

Ils s'en vont lentement, lentement sur la plaine...
Ils s'en vont lentement sur la route sans fin...

Leur voix seule les suit, seule comme un sillage
Perdu dans un marais.

O la chanson tzigane amoureuse et sauvage
De celui qui s'en va et n'arrive jamais!...

FÉLICITÉ

NE viens pas aujourd'hui! Je t'attendrai demain,
Froide sérénité dont le spectre est d'ivoire!
Ah! rien qu'en me donnant de ton sourire à boire
Tu arrêtes mes pas; tu finis mon chemin.

Tandis qu'autour de moi tout s'apaise et s'endort
Et que tout océan à mes yeux se déride,
Je me demande eh bien! s'il se pourrait encor
Que ma bouche tressaille ou peureuse ou avide.

Avant, mon âme était plus heureuse peut-être...
O souffrance d'hier! O visage songeur!...
Désir! Rêve d'amour! Toi qui vas disparaître
Enseveli soudain, voilé par le bonheur!

Afife, 1939 — Quinta de Cabanas.

PEDRO HOMEM DE MELLO.

A-PROPÓSITO DE UM REVOLUCIONÁRIO DA «MARIA DA FONTE» — O P.^E CASIMIRO JOSÉ VIEIRA

(ALGUMAS CARTAS INÉDITAS)

P.^e Casimiro José Vieira, *general defensor das 5 chagas*, segundo algumas vezes se intitulou, foi, como guerrilheiro, uma das figuras mais populares da revolução de 1846, também chamada da *Maria da Fonte*.

Nascido em Vieira, pequena vila situada na orla sul da Cabreira, centro de uma região relativamente importante e característica, de que o adágio popular, com alguma verdade, reza

De Vieira,
Bom vinho,
Boa mulher,
Boa madeira,

quantas vezes malèvolamente estropiado ⁽¹⁾ por quem desconhece em absoluto quanto vale este aprazível rincão minhoto, o P.^e Casimiro desempenhou, de facto, papel preponderante dentro da revolução popular do Minho. Não foi, de-certo, um herói, mas foi inegavelmente um chefe — embora mau por falta de conhecimentos militares —, um condutor das massas populares, que reuniu à sua volta em grande número e, por mais que uma vez, os ecos das suas guerrilhas foram escutados com certo receio nos paços da governação.

Não foi um grande soldado, mas foi inegavelmente um homem de recto carácter, um espírito leal e franco, tam franco como ingénuo, duma simplicidade caracteristicamente minhota ⁽²⁾.

Em 1846, quando estalou a revolta, tinha êle apenas 29 anos e estudava Retórica em Braga. No dizer de Pinho Leal, seu contemporâneo, «era de boa figura», «muito pândego» e dava mostras de não ser «tolo de todo», expressão que, segundo Camilo, aquêle escritor usava muito quando queria conceituar uma pessoa instruída. Era, segundo êle próprio diz, «magro e de estatura ordinária, ou pouco mais alto».

(1) De Vieira,
Nem vinho,
Nem mulher,
Nem madeira.

(2) Vd. sobre o P.^e Casimiro o artigo de A. dos Reis Ribeiro *in Jogos Florais do Ano X*.

O acaso atirou-o para o campo da revolução, de que afinal veio a ser um dos vultos mais em destaque.

Primeiro aclamado *Intendente da Comarca da Póvoa*, a si próprio se intitulou, ao depois, ora *Protector das 5 Chagas e Comandante das massas populares*, ora *Comandante das três províncias em nome da Santa Religião*, ora *Defensor da Pátria e General comandante das fôrças populares do Minho e Trás-os-Montes*.

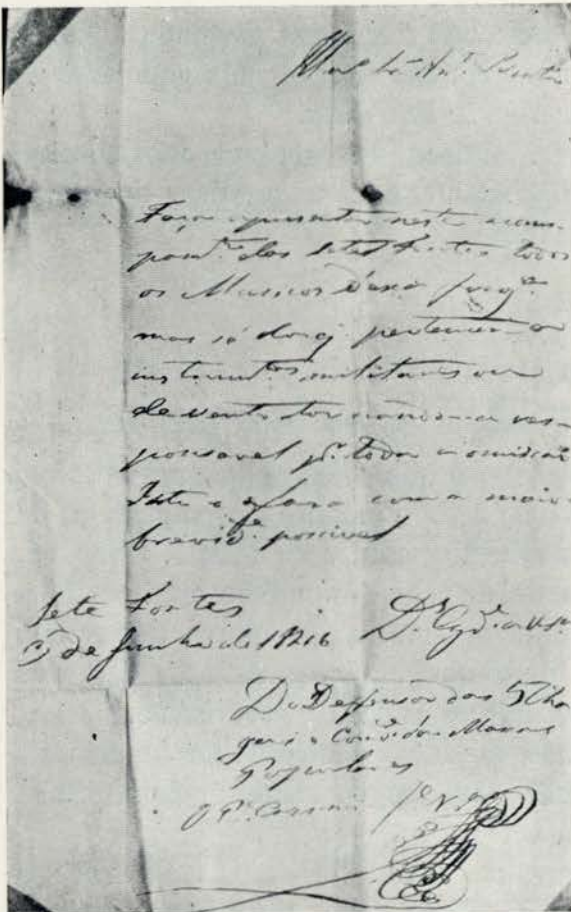
Em 7 de Abril de 1847 foi, por diploma do lugar-tenente do Senhor

D. Miguel, nomeado "*Comandante geral de tôdas as fôrças populares ao Norte do Minho, com honras de brigadeiro*", porque em Maio de 1846 sublevou os povos desta parte do Reino contra o govêrno de Lisboa e com êles herôicamente bateu os inimigos...», e mais tarde, em 1850, foi, pelo mesmo, agraciado com a comenda de S. Miguel-da-Ala.

Os jornais da época, especialmente o *Periódico dos Pobres*, do Pôrto, publicaram muitas cartas e proclamações suas.

Findas as lutas, foi o P.^o Casimiro obrigado a esconder-se, indo mais tarde acolher-se a Felgueiras, a casa de um amigo, onde esteve largo tempo, até que, regularizada a sua situação, ao cabo de dez anos, voltou a exercer o sacerdócio, mandando construir ali uma casa, onde depois veio a falecer.

Em 1847, a pedido de um amigo, redigiu um livro de memórias que intitulou *Apontamentos para a História da Revolução do*



(Est. 1)

Minho em 1846 ou da Maria da Fonte e que só mais de trinta anos depois veria a luz da publicidade.

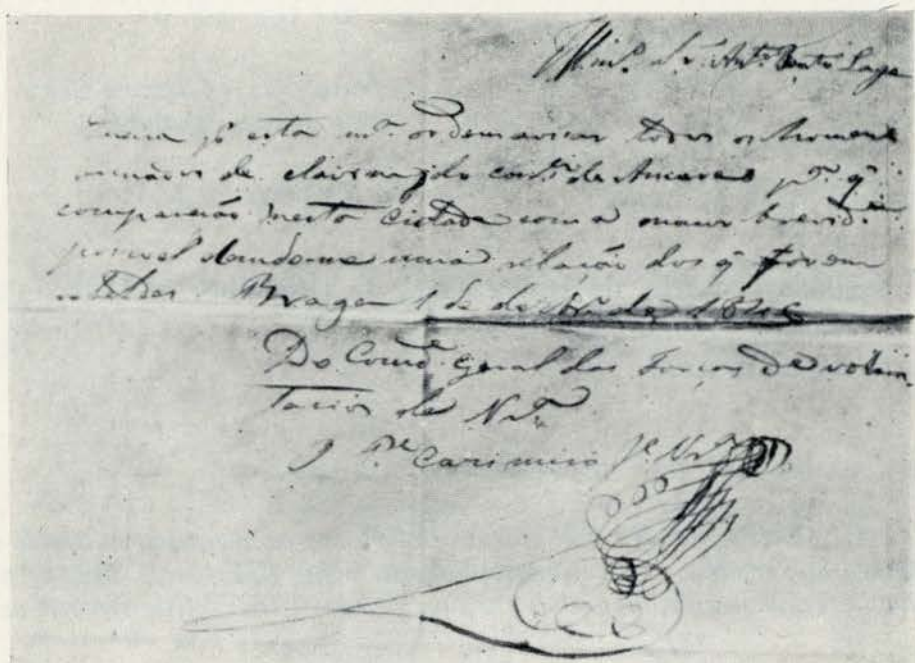
Neste livro narra o P.^o Casimiro os episódios da guerrilha, contando ingênuamente os factos e entrando mesmo às vezes nos limites do ridículo, vergastando furiosamente os *maçons*, os *livres-pensadores* e os *liberais*.

Ao fazer a publicação dos *Apontamentos* juntou-lhe, em apêndice, um epistolário, onde há cartas que são modelos de romantismo simplório, endereçadas pelo guerrilheiro vieirense a D. Maria II, a Pio IX, a Carlos VII,

ao imperador da Alemanha, etc., variando o assunto desde a política e a religião, à tática militar e à medicina.

Camilo Castelo Branco que, por intermédio dum amigo comum, pôde compulsar o manuscrito dos *Apontamentos*, tirou dêle o motivo e o assunto para o seu livro *Maria da Fonte*, sátira mordaz e atrevida onde, traiçoeira e impiedosamente, amesquinha e ridiculariza com ironias sarcásticas o guerrilheiro tonsurado, apresentando-o como uma figura verdadeiramente truanesca.

Camilo foi cruel e desleal, pois, reconhecendo embora ao padre altas qualidades de honestidade e desinterêsse, e uma rara sagacidade, encon-



(Est. II)

trando no livro «documentos duma heróica manifestação popular» nem por isso deixou de o achincalhar, fazendo-o alvo da sua ironia feroz e impiedosa.

A correspondência de guerra do P.º Casimiro deve ter sido numerosa, dada a sua propensão epistolar. Proclamações, ordens para os subalternos, ofícios para os regedores, convocações, cartas para os jornais, etc., escreveu êle em profusão.

Tendo tido há pouco tempo ocasião de compulsar vária correspondência relativa à Revolução do Minho, entre a qual figuravam duas cartas do P.º Casimiro, não resisto à tentação de transcrever para aqui alguns desses documentos. Que o seu proprietário actual — o Ex.º Sr. P.º Cândido da R. Vieira, sobrinho do illustre guerrilheiro — me releve a indiscrição.

A primeira das cartas do P.º Casimiro é datada de 3 de Junho de 1846, escrita de Sete-Fontes e dirigida ao Il.º Sr. Regedor de Caires (Est. I).

Diz o seguinte:

Ill.^{mo} Snr. An.^{to} Bento

Faça apresentar neste acampam.^{to} das Sete Fontes todos os Musicos d'essa freg.^a mas só dos q̃ pertencem a instrum.^{tos} militares ou de vento tornando-o responsavel por toda a omissão. Isto é para com a maior brevid.^e possivel.

*Sete Fontes
3 de Junho de 1846*

D.s G^{de} a V. Sa

*Do Defensor das 5 Chagas e Com.^e
das Massas Populares*

o P.^e Cazimiro J.^e V.^{ra}

A segunda é escrita de Braga em 1 de Dezembro de 1846 e dirigida também ao Sr. An.^{to} Bento (Est. II).

É do seguinte teor:

Ill.^{mo} Sr. An.^{to} Bento Lage

Queira por esta m.^a ordem avisar todos os homens armados de clavina do con.^o de Amares p.^a q̃. compareção nesta cidade com a maior brevid.^e possivel dando-me uma relação dos q̃. forem rebeldes. Braga 1 de Dezbr.^o de 1846.

*Do Comd.^e Geral das Forças
de voluntarios da N.^a*

o P.^e Cazimiro J.^e Vr.^a

Juntamente com estas duas cartas do P.^e Casimiro, existem mais quatro, dirigidas ao mesmo regedor de Caires, que, por se referirem ao mesmo assunto, vou transcrever.

A primeira é datada de 15 de Maio de 1846, assinada por António de Sousa Menezes, provedor de Amares e dirigida ao

*Ill.^{mo} Sr.
An.^{to} Bento Lage
Regidor de Caires*

tendo sôbre o enderêço as iniciais "S. N. R.,,

Diz o seguinte:

Ill.^{mo} Snr.^e

Logo que V. S.^a esta recebão passem a virem todos os homens dessa freg.^a de 17 athe... anos para que amanhe que se honde contar 16 do corrente as 6-oras da manhe se prontefiquem com juntam.^{te} com V. S.^a nositio da feira nova para da hi marcharem em dereção a Snr do monte aonde se achão as forças e oparacoins [em operações] de vendo todos os homens vir monidos de espingardas e aquelles que não tenham lhe serão intreguescidas as daquelles onde menos estejam nas circunstancias de não poder hir no a car de geral quer (1)..

*D^s Gd^e A V. S.^{as} Amares
15 de Maio de 1846*

O Provedor

Antonio de Sousa Menezes.

A segunda é dirigida também pelo "Provedor do Con.^o," ao "Ill.^{mo} Snr. Regidor da freg.^a de Caires.," tendo sôbre o enderêço as mesmas iniciais "S. N. R.,"; é datada de 23 de Maio de 1846.

Diz textualmente:

Em conprimento da ordem do Comd.^e G.^{al} das Forças sobre Braga VS.^a fara avizar todos os indevidos das suas freg.^{as} comprehendidos nas m.^{mas} reunions passadas; mas somente os q̃ tenham armas ou q̃ se lhe possão menistrar doutros da m.^{ma} freg.^a sem q̃ compareção outras armas q̃ não sejão de fogo, os quaes estarão promptos Domingo 24 do corrente as 10 horas da manhã na feira nova afim de fazernos hũa sortida sobre Braga.

D.^s G.^{de} a VS.^a Amares 23 de Maio de 1846.

Ill.^{mo} Snr. Antonio Bento Lage.

o Provedor

Antonio de Sousa Menezes.

A terceira carta é dirigida pelo "A.^{mor} Intrino.," (Administrador?) do Concelho de Amares ao mesmo A. Bento Lage, confirmando a sua nomeação como regedor. É datada de 17 de Junho e diz:

Ill.^{mo} S.^r

Sendo V. S.^a por mim preposto p.^a Regidor désa freg.^a de Caires e para substituto João Baptista do S.^a dom.^{ma} de hora em diante continuarão

(1) Esta parte está destruída.

nas mesmas funções com a degnidade que até que otem feito. Sendo hum dos pontos principaes amanutenção da Ordem eobdiência as Authoridades Legitimamente Constituidas dos seos Ademenistrados, o que m.^{to} lhe recomendo, e pello que oresponçavalizo.

D.^s G.^{de} a V. S.^a Amares 17 de Junho de 1846.

Ill.^{mo} Snr. Antonio Bento Lage.

O A.^{mor} Intrino

Fran.^{co} Xavier Gomes de Abreu Peixoto.

O enderêço é encimado pelas iniciais "S. N. R.,
A quarta e última carta é, como a anterior, dirigida pelo "A.^{rmor}," de Amares ao Regedor de Caires.
Nela se lê:

Para bem do S. de Sua Magestade El-Rei o S.^r D. Miguel 1.^o V. S.^{as} farão avisar nas suas freg.^{as} os homens hum por cada caza p.^a q̃ emmeditadamente se aprontem armados de espingarda e marchem V. S.^{as} com elles p.^a Braga apresentar-se ao Ill.^{mo} S.^r P.^e Cazemiro J.^e Vieira Comd.^e das Forças Populares do Minho, e Traz os Montes, isto com amaior brevid.^e, e os que não tiverem armas V. S.^{as} as pedirão aquelles q̃ as tiverem, e V. S.^{as} ficarão responsaveis pella sua entrega a seus donos Logo q̃ finde as circumstancias, e V. S.^{as} ficarão responçaveis pela falta ou demora que haja.

*D.^s G.^{de} a V. S.^{as} A.^{ma} de Amares
1 de Dezbr.^o de 1846*

Ill.^{mos} S.^{res} Regedores de Parochia de Amares Caires e Feg.^{do}

P. E. paçarão de huns aos outros com a maior brevid.^{de}

o A.^{rmos}

Fran.^{co} Xavier Gomes de Abreu Peixoto.

No verso tem esta carta escrita a seguinte nota:

Recebi esta circular No dia Primeiro dezbr.^o de 1846 Ao meio dia A fiz seguir Ao seu destino

O Regidor desta parochia de amares

João Antunes Rabello

■

São passadas muitas dezenas de anos sôbre a revolução da Maria da Fonte. Há muito que desapareceram já todos aquêles que nela tomaram parte, mas, no entanto, a figura do P.^e Casimiro ainda hoje é lembrada com admiração pelo povo vieirense. Nem mesmo a musa popular esqueceu o padre guerrilheiro. Eu pude, recentemente ainda, recolher, em Rossas, estes cantares que traduzem bem o respeito e a veneração em que era tido o irrequieto vieirense:

Padre Casemiro
Homem de respeito
Chagas do Senhor
Traz êle em seu peito.

Padre Casemiro
Homem de cuidado
No céu e na terra
Parece-me um cravo.

Padre Casemiro
Meu lindo amor
Que traz em seu peito
Chagas do Senhor.

Rossas, Vieira do Minho, 1939.

CARLOS TEIXEIRA.



«SENHOR FORA»

SONORAS badaladas,
Lentas e pesadas,
Acordam da mansidão
O dormente lugarejo.
— Senhor fora —. Dlão! Dlim! Dlão, dão!
¿A quem irá nosso pai?
Pergunta o povo e lá vai
Corre que corre p'ra igreja...

Dlim! Dlão! Dlim! Dlão! Dlim! Dlão, dão!

Noite escura como breu.
As almas puras e crentes,
Tôdas saüdosas do Céu,
Piedosas e tementes,
Rezam e põem na vidraça,
Velas acesas, quando o «viático» passa.

Atrás do pálio vão
Homens e mulheres cantando:
— «Bemdito e louvado seja
O Santíssimo Sacramento
Da Eucaristia!!!...
Fruto do ventre sagrado
Da Virgem puríssima
Santa Maria!!!...»

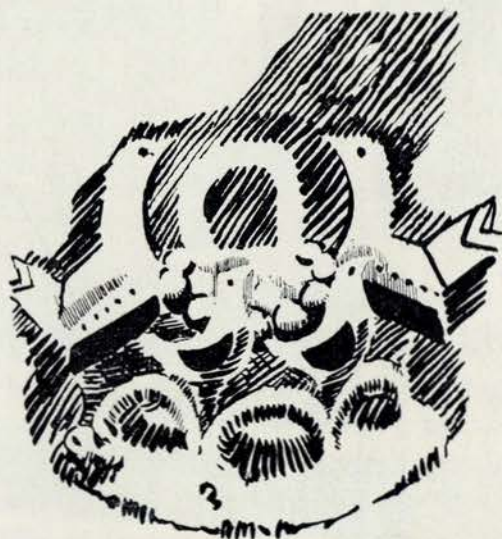
Dlim! Dlão! Dlim! Dlão! Dlim! Dlão, dão!

Fora e dentro da casa doente
O povo, ajoelhado,
Ao ser dada a extrêma-unção,
Invoca Deus clemente
Rezando com devoção:
— «Bemdito e louvado seja
O Santíssimo Sacramento
Da Eucaristia !!!...»

.....

O «viático» entrou na igreja,
E o padecente na agonia;
Tudo é recolhimento...

VERGÍLIO AMARAL.





PELOURINHO DE PINHOVÊLO—Macedo de Cavaleiros

(Fot. do Eng. F. Correia de Araújo).

DR. LUIZ MOREIRA DE SÁ E COSTA

«Consummatus in brevi, explevit tempora multa.»

LIVRO DA SABEDORIA.

A morte do Dr. Luiz Moreira de Sá e Costa ensombra de negro o coração e veste de luz o pensamento; sofre a saúde, queixa-se em trenos doloridos todo aquêlê desejo tam legítimo da riqueza da Pátria, diminuída com a perda de tam nobre Filho, Filho dispensador de incontáveis bênçãos — e a razão, a razão soberana, exalta-se, resplandece. Bem-aventurados os que souberam viver, bemditos os que realizam o mais alevantado Ideal, os que são fiéis até ao fim. No mais breve espaço de tempo, na arrancada mais destemida, mais consciente, o Dr. Luiz Moreira de Sá e Costa estendeu para o Céu as mãos ávidas, as mãos clamorosas... e rápida, ardentemente, alcançou a glória. Na curva miraculosa, quási inconcebível, traçada pela sua vida, tudo é beleza, lógica, harmonia, elevação suprema.

Moço — como parecia jovem, inverosimilmente jovem a sua galharda figura de apóstolo! — galgou a sorrir a subida escarpada da filosofia e, na idade em que outros se entretêm com os mil fogachos de ilusão e da mentira, decidiu, soube decidir com a firmeza que raros varões possuem, após longa peregrinação. Decidiu libertar-se de todos os laços, resolveu esmagar, calcar aos pés as paixões, tôdas as paixões humanas, e ser o grande herói, aquêlê que, na calma iluminada da consciência, escolhe o mais alto Rei e se propõe segui-lo — até à morte, na entrega consciente, na verdade absoluta, através de todos os perigos, de todos os tormentos, que não podem ser perigos, que não podem ser tormentos porque não alcançam, não conseguem alcançar a alma exultante, a alma vitoriosa, a alma que sabe.

Sem uma hesitação, sem um momento túbio, Luiz Moreira de Sá e Costa pensou, observou, escolheu... e depois, depois tudo é maravilhoso em tão curta — vastíssima existência! Parecia a sua face a face de um adolescente, e eram de firme, de férreo e inabalável dominador o propósito, a vontade que animavam tam frágil organismo. Precipitam-se os acontecimentos. Tinha de ser assim. Nascera perfeito; marcara Deus trinta anos.

Tam rápida passagem aproveitou-a o jovem guerreiro para dela deixar inextinguível projecção de luz. Na sua mente — altíssima mente — fôra-se ateando um desejo! Não lhe servia a terra, nada queria dessa terra tam cobiçada.

Tôda a sua ânsia voava para mais além, subia mais alto, procurava, alcançava a zona da Eternidade. E tudo, tudo Deus concedeu ao moço iluminado que, em estranho misto de ardor patriótico, ardor português e arroubo de vocação, partia para a cruzada bemdita. Sofreu. Venceu a dor de arrancar-se ao Lar mais belo que olhos cristãos podem fantasiar. Entregara-se a Deus; a Deus competia prover pelos que ficavam. E partiu, decidido, sereno.

Singularmente profunda, singularmente profunda a misericórdia divina! Passam os anos e, para que os homens não esqueçam, vem o acontecimento vivo, palpitante, emocionar de novo as consciências, agitar, sublevar os corações. Na primeira alvorada da vida, o estudante Luiz Moreira de Sá e Costa,



REV. DR. LUIZ MOREIRA DE SÁ
E COSTA

Bom-Jesus, Set.º — 1936.

entre tantas páginas de literatura nenhuma palavra encontrava tam belas, tam sublimes como as palavras pronunciadas pelo Beato João de Brito. Nenhuma beleza lhe fazia palpitar o sangue do pensamento como essa beleza augusta, que assim lhe punha frémitos de entusiasmo nas veias e lhe incendiava o juvenil desejo de ir — êle também — ao encontro do Soberano, infinitamente perfeito. Por miraculoso desígnio, era dado entrever ao visionário tôdas as maravilhas que o Beato João de Brito entrevira. Arrancára-se à côrte o pajem, deslumbrado por luz mais clara, mais formosa.

Também Luiz Moreira de Sá e Costa não hesitou em abandonar a sua casa — côrte de harmonia e Arte. Não podia recusar-se à voz que o chamava. Escolhido o modelo, mandava a honra procurar imitá-lo.

Sim, verdadeiro herói só o homem que se faz Santo. Tôdas as outras figuras perdiam alguma cousa da sua grandeza junto do vulto deslumbrante do cavaleiro branco. Com a candura das almas muito tenras, muito generosas e o sobrenatural ardor de uma vontade impoluta, o adolescente fitou o Mestre, escolheu-o; firme e zeloso o seguiu. Por especial carinho de Deus, em breve havia de ir reunir-se-lhe, com a espada ainda erguida nas mãos ardentes, nas mãos puras. Quem teve a felicidade de o ouvir, poderá não cismar no encontro dos dois heróis? Na evocação da nossa dolorida saúde não surge a cada instante a figura do ardente apóstolo do Beato João de Brito, nesse estranho misto de ardor guerreiro, ardor português e místico arroubo de predestinado?! Ah! Como o cavaleiro de armas de fogo tinha a certeza da vitória, com que emocionante garbo erguia a cabeça e proclamava: « Não

sou eu. É Deus quem me manda. A Êle tudo é devido! Curvai-vos! Deus fala!» Exaltava a vida do Santo, falava-nos no milagre perfeito, lógico da acção, serva da Idea, e era a sua própria vida que o Dr. Luiz Moreira de Sá e Costa exaltava, explicava...

Quem não sentiu o divino pavor ao ouvir a vibração da sua voz, a apresentar-nos a mãe do Santo, coberta de galas, mãe escolhida por Deus para a glória da maior dor?

Essa voz firme, consciente, ordenava: A mãe de um predestinado não tem o direito de viver, mergulhada na sombra do luto, tem de compreender, exemplificar que a morte do guerreiro de Deus é apoteose da mais formosa felicidade. Quem poderia recusar ao Soberano supremo aquêles que, ainda no berço Êle assinalou, escolheu?

A emoção vergava as almas. Era tam forte, tam forte a onda de luz! Cansadas, doridas, caíam as pálpebras sôbre os olhos que reflectiam. Mas — pobres de nós! Ninguém podia saber que, no mistério altíssimo, de novo seria exigido o mais ardente sacrifício, a vitória do Espírito sôbre a dolorosa carne, o vôo mais alto da libertação humana: Atra-

vés da obediência, transformar a dor cruenta em júbilo... júbilo que aceita, compreende, agradece.

A emoção vergava almas. E nós não sabíamos... pensávamos que o Dr. Luiz Moreira de Sá e Costa iria comandar os exércitos da terra e todos haveriam de obedecer à sua eloquência assustadora — Deus decidira. Bem-aventurado, o apóstolo merecera já tanto! No Céu, os anjos preparavam a



DR. LUIZ MOREIRA DE SÁ E COSTA ao fazer a sua conferência sôbre o *Herói Desconhecido*. B. João de Brito

coroa que haveria de pousar sôbre a sua cabeça de eleito. Tam perfeita foi a sua vida, que a sua morte ensombra-nos de negro o coração e veste-nos de luz o pensamento. Sofre a saüdade, a alma ilumina-se, exalta-se, perdida na maravilhosa visão. «Perfeito em pouco tempo, preencheu, enriqueceu um grande número de anos».

Bemditos os que são fiéis até ao fim!

Miramar, Setembro de 1939.

MARIA HENRIQUES OSSWALD F. I. L.



O PINTOR ALEMÃO KATZENSTEIN EM PORTUGAL

ENTRE os diversos artistas estrangeiros que, no século XIX, exerceram a sua actividade em Portugal, figura o pintor Ludwig (Luiz) Katzenstein, de naturalidade alemã, que não vemos mencionado pelos nossos investigadores (1).

Katzenstein nasceu em 27 de Agosto de 1824, em Cassel, sendo filho de Julius Katzenstein, negociante (n. em Eschwege a 27-12-1776 e f. em Cassel a 12-8-1858) e de Bertha Steinthal (n. em Stendal a 18-8-1790 e f. em Cassel a 1-3-1882) (2).

Fêz os seus primeiros estudos no liceu da sua cidade natal. Em Inglaterra, onde residiam seus tios maternos, dedicou-se ao comércio. Na capital do Reino- Unido teve a infelicidade de ser atropelado, do que lhe resultou ficar sem uma das pernas.

Passado algum tempo voltou a Cassel, onde frequentou a Academia de Belas Artes. Trabalhou com o artista Friedrich Mueller e continuou a sua carreira artística em Paris, Roma e Bolonha.

Em 1852 veio para Portugal a chamado de D. Fernando II, o Rei Artista, de quem pintou o retrato.

Não sabemos quanto tempo residiu entre nós, nem quanto tempo permaneceu em Lisboa.

Na exposição trienal da Academia Portuense das Belas Artes, realizada no Pôrto, em 1854, apresentou sete quadros, segundo o respectivo catálogo,



LUDWIG (LUIZ) KATZENSTEIN

(1) Benezit trata d'ele no seu *Dictionnaire des peintres et graveurs*.

(2) Mencionaremos aqui alguns outros parentes que vieram para Portugal e outros que nasceram neste país:

Eduard Katzenstein, cônsul alemão no Pôrto, para onde veio em 1835, seu irmão;

Edith Caroline Elisabeth, sua sobrinha, que casou com o conhecido fotógrafo do Pôrto, Carl Emil Biel;

que indica o seu autor nestes termos: «Louis Katzenstein, natural de Hesse-Cassel, residente actualmente em Lisboa».

Eis a respectiva descrição, extraída do mesmo catálogo:

- 206 — Retrato de senhora, busto ao natural — quadro a óleo, de 24 polegadas de altura por 20 de largura.
- 207 — Retrato de homem, busto — quadro a óleo, de 16 polegadas de altura por 14 de largura.
- 208 — Retrato de senhora, busto ao natural — quadro a óleo, de 16 polegadas de altura por 14 de largura.
- 209 — Retrato de homem, com gorro preto, busto ao natural — quadro a óleo, de 16 polegadas de altura por 14 de largura.
- 210 — Retrato de senhora, busto ao natural — quadro a óleo, de 16 polegadas de altura por 14 de largura.
- 211 — Retrato de homem, meio corpo ao natural, com mãos — quadro a óleo, de 36 polegadas de altura por 32 de largura.
- 212 — Retrato de um menino e uma menina, meio corpo ao natural — quadro a óleo, de 36 polegadas de altura por 32 de largura.

No *Periódico dos Pobres*, do Pôrto, n.º 191 de 24 de Agosto de 1857, achamos a seguinte notícia a respeito da estada do pintor nesta cidade, com elogios à sua obra artística: «Pintura: O Senhor Luiz Katzenstein acha-se de novo no Porto e mudou temporariamente o seu gabinete d'estudo para a rua do Principe n.º 158-2.º andar. Num dos dias passados visitamos o seu estudo da rua do Calvario, onde tivemos a satisfação de ver quadros do distinto artista, pintados com toda a perfeição e dous retratos de meio corpo d'homem e senhora, notaveis como similhaça e como obra d'arte».

Na Exposição Internacional realizada no Pôrto, em 1866, figurou um quadro seu.

Efectivamente no folheto *Visita á Exposição Internacional do Porto em 1866, Revista de Belas Artes*, por João Christino da Silva, lê-se: «Katgeneteia (*sic*) Escola alemã, quadro de genero. Representando um artista que estuda em uma taverna a verdade da scena que deseja representar: boa composição, desenho sufficiente, fraco de collorido e claro-escuro, com quanto seja bem entendido. Adquirido por sua magestade el-rei o sr. D. Fernando».

Karl Ludwig Wilhelm Katzenstein, seu sobrinho, cônsul alemão no Pôrto, casado com uma senhora portuguesa;

Hermann Ludwig Katzenstein, seu sobrinho, fundador de uma casa comercial em Lisboa e Hamburgo;

Ernst Henry Katzenstein, seu sobrinho, cujo filho, Eduard Katzenstein, ainda hoje vive em Lisboa;

Heinrich Katzenstein, neto de Ernst Henry Katzenstein, que nos forneceu alguns apontamentos e nos facultou o retrato do pintor, que reproduzimos.

El-Rei D. Fernando, seu protector, possuía, pelo menos, mais dois quadros dêste artista, seu compatriota, que vêm, assim, mencionados no *Catalogo dos quadros existentes no Real Palacio das Necessidades*, perten-



CENA FAMILIAR

centes á herança de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando, e que hão-de ser vendidos em leilão. Lisboa, 1892:

«13. Viuva em casa d'um antiquario. No primeiro plano á direita um velho sentado junto a uma meza, e uma mulher de pé por detraz examinando um objecto que parece ter sido trazido por uma jovem viuva que está á esquerda com um pequeno nos

braços e um outro ao lado, alguns livros pelo chão no primeiro plano. Pintado sobre tella, assinado L. Katzenstein, escola allemã, largura 1,10, altura 0,97 — 100\$000.

«45. Quarto de cama tendo uma mulher sentada á esquerda com uma creança sobre as pernas, ao lado no chão, um grande cão, fundo á direita uma cama, estando junto uma meza, cadeira e outros objectos. Pintado sobre tella, assinado L. Katzenstein, 1850, escola allemã, largura 0,71, altura 0,84».

Na exposição de arqueologia e de objectos raros naturais, artísticos e industriais, que se realizou, no Palácio de Cristal Portuense, em 1867, apresentou Eduard Katzenstein, segundo o respectivo catálogo, sob o n.º 197, um quadro original de Luiz Katzenstein — *Os jogadores*.

Uma irmã do pintor, Nanny Katzenstein, casou com Johann Wilhelm Burmester, fundador dum estabelecimento de vinhos no Pôrto. Seu filho, Franz Burmester, possuía sete trabalhos de seu tio que, por motivo da Grande Guerra, passaram à posse do Estado Português. Foram reclamados em 1937 por D. Hilde Katzenstein Peters, prima do possuidor e filha de Emil Katzenstein, também irmão do pintor, que faleceu em Vigo no ano de 1921.

Estes quadros são os seguintes:

1.º Cena de interior. Assinado e datado, 1874.

2.º Cena familiar, onde se vê um pintor, que deve ser o próprio artista, a trabalhar. Assinado. Tem a data de 1866 ou 1868. Dimensões, $0,78 \times 1,04$.

Aqui reproduzimos êste quadro, segundo uma fotografia que, amavelmente, nos foi oferecida pelo nosso amigo, o Sr. Dr. Pedro Vitorino, ilustre crítico de arte (1).

3.º Senhora a dormir numa cadeira, com uma coroa de flores na mão. Assinado. Sem data.

4.º Cena de interior. Assinado. Datado de 1869.

5.º Cena de interior. Assinado. Datado de 1874.

6.º Cena de interior. Assinado. Datado de 1884. Avó contando histórias aos netos. Dimensões, $0,95 \times 0,80$. Graças ao Sr. Dr. Pedro Vitorino, aqui reproduzimos êste quadro.

7.º Pequeno esbôço. Datado de 1859.

Em poder do Sr. Hans Wimmer, na sua residência da Vila Saxe, em Belas, existe um quadro dêste artista, que representa o vestir de uma noiva, assinado e datado de 1876.

Outros trabalhos seus estão na posse dos Srs. Edgar Katzenstein (Pôrto): retratos da mãe e do pai do pintor; Eduard Katzenstein (Lisboa): dois quadros: um que representa uma doente assentada e o médico a tomar-

(1) S. Ex.^a, a quem neste lugar apresentamos os nossos agradecimentos, forneceu-nos um grande número de elementos para êste artigo.

-lhe o pulso e outro que representa uma paisagem de Roma e, em primeiro plano, uma vendedeira de laranjas; Vasconcelos Pôrto: família de António Silva (Palhacinhos), Vila Nova de Gaia: dois retratos a óleo, homem e senhora, de pequenas dimensões, que nos informam serem muito belos;



CENA DE INTERIOR

Margarethe Burmester, espôsa de Franz Burmester: seis quadros: Outono, retrato de uma jovem, de género, três retratos de pessoas de família e Lilli Katzenstein, segunda sobrinha do pintor: sete quadros: os jogadores, sala de espera do caminho de ferro, jovem fazendo um pedido a uma rapariga, a

linda Stratonice (cópia de Rubens), mãe do pintor, auto-retrato e grupo dos quatro irmãos: Walter, Edgar, Lilli e Hans Katzenstein.

Em dois museus portugueses existem, também, obras suas: no Museu de Arte Contemporânea, em Lisboa, *A gata borralheira* e no Museu de Grão Vasco, de Viseu.

Na 14.^a Exposição Trienal da Academia Portuense de Belas Artes, que se realizou em 1884, D. Maria Rangel Maia expôs uma cópia do quadro original de Luiz Katzenstein, *A mulher que deita cartas*.

Não sabemos em que ano voltou a Cassel, onde pintou cenas da vida de Durer, Rubens, Van Dick e Mozart e da História de Hesse.

Foi muito apreciado pelas pessoas da alta sociedade da sua terra natal, que lhe solicitaram a honra de ser por ele retratadas.

A cópia, que executou, do quadro *Côrte de Carlos I*, de Van Dick, que pertencia ao Kunstverein, foi muito admirada.

Na Biblioteca Nacional, de Cassel, existem muitos esboços e trabalhos seus.

Com oitenta e cinco anos de idade, em 1907, faleceu este ilustre artista, na sua pátria, de uma doença de olhos.

Casou duas vezes, a primeira, em 1863, com Ottilie Koss, de quem não teve descendência, e a segunda, em 1873, com Mathilde Friedrichsen, de quem teve dois filhos, Elisabeth, que faleceu em 1933, em Cassel, solteira, e Edgar, que faleceu, em Inglaterra, em 1915, solteiro e sem descendentes.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA.



S. JOÃO BAPTISTA

A minha voz, ao longo do deserto,
Tinha um sabor a terra,
Por isso a terra estremecia
E só ela me ouvia!
Só ela e o Céu.

As raízes das árvores
Que a minha fome comia
Mergulhavam no fundo
Das entranhas do mundo!

Mas ergueu-se, na altura,
A árvore luminosa
Das palavras profundas da Escritura.

Então, Jerusalém,
A Judeia, o Jordão,
Viram dado o sinal, por minha mão
Erguida em palma.
Era preciso abrir à alma
O caminho da Luz.
Viria ali Jesus baptizar êsse povo,
No Espírito e no fogo!

Já o machado estava pôsto
Às raízes das árvores
Debruçadas no abismo;
Tinham caído já, da minha concha,
Sobre a cabeça e as mãos dos penitentes,
As águas do baptismo!

E eu era ali, não homem semi-nu,
— Cinto de coiro em volta dos meus rins —
 Não seixo ou raiz morta
 Entre silvas e fráguas,
 Mas o Espírito de Deus
 Levado sôbre as águas!

E em Espírito me dei ao fundo da cisterna!
 Aí, secou-se a fôrça dos meus pulsos,
 E, pele e ôsso,
 Fui lôdo e limos
 Na fundura sem fundo do meu poço!

DESENCANTO

EM mastros partidos
De barcos perdidos,
Ergui minhas velas,
Ao mar das procelas.

Rasgou-as o açoite
Dos ventos da noite,
Da noite escondida
No engano da Vida.

Lancei aos penedos,
Ao vento, aos rochedos,
Sementes queimadas
De searas mirradas.

Em sonhos abertos
Ao luar dos desertos,
De areias sem-fim,
Plantei meu jardim.

E rosas e cravos
De sonhos escravos,
Só deram perfume
De cinzas e lume!

PARÁBOLAS DA MONTANHA

VEREIS abrir, em lume de parábolas,
A minha bôca. E as trevas do Princípio,
Onde a verdade virgem se escondeu,
Hão-de descer à Noite dos abismos.

Da verdade que sou, vereis romper,
Duma só vez, os dias divididos,
Desde o instante em que o mundo começou.

Irmãos, erguei as mãos à Vida nua
E lançai a semente das parábolas
Ao chão rasgado ao aço da charrua.

Lançai-as, mesmo, às pedras da montanha
E aos desertos do mundo... E heis-de vê-las
Florir em seara de raiz nas trevas
E fruto erguido ao lume das estrélas!

CAMPOS DE FIGUEIREDO,

UMA OBRA DE NASONI DESCONHECIDA

(IGREJA MATRIZ DE SANT'IAGO DE BOUGADO)

À memória do meu Tio Padre António
Joaquim da Costa Cruz.

NATURAL do Grão-Ducado da Toscana, segundo declara no seu testamento, o architecto Nicolau Nasoni fixou a sua residência nesta cidade no começo do segundo quartel do século XVIII, pois data de 13 de Dezembro de 1731 a aprovação do seu projecto para a construção da Igreja dos Clérigos. Aqui exerceu a sua actividade durante uns quarenta anos, vindo a falecer aos 30 de Agosto de 1773, e bem pobre, por sinal, na sua residência da Viela do Mendes, sita à Rua do Paraíso, freguesia de Santo Ildefonso.

Sabe-se que muitas foram as obras executadas por Nasoni, quer nesta cidade, quer em todo o Norte (1). Ao apreciarem o valor artístico dessas

(1) Da actividade de Nasoni no nosso País dão notícia, entre outros, os trabalhos seguintes:

Dictionnaire historico-artistique du Portugal, par Comte A. Raczyński—Paris, 1847.
Archivo Pittoresco—Vol. III, n.º 23. Lisboa, 1860. *Torre dos Clerigos no Porto*—Vol. VII, n.º 18. Lisboa, 1864. *Porto—Egreja dos Clerigos e calçada do mesmo nome*, por I. de Vilhena Barbosa.

Monumentos de Portugal, por Inácio de Vilhena Barbosa—Lisboa, 1886. *Introdução*.

Guia Illustrado do Porto, por Eduardo Sequeira—Pôrto, 1902. *Egreja e Torre dos Clerigos e Egreja da Misericordia*.

Diccionario dos Architectos, Engenheiros..., por Sousa Viterbo—Vol. II—H. R.—Lisboa, 1904.

A Arte e a Natureza em Portugal—Vol. 7.º. Pôrto, 1907. *Lamego*, por Joaquim de Vasconcelos—Vol. 8.º. Pôrto, 1908. *Sé do Pôrto*, por Joaquim de Vasconcelos.

O Porto d'outros tempos, por Firmino Pereira—Pôrto, 1914. *A cidade velha*—Cap. III.

A Arte em Portugal—N.º 1—*Porto*, por J. Augusto Ferreira—Pôrto, 1928—*Cathedral portucalense*.

Porto Monumental—Pôrto, s. d. *Igreja e Torre dos Clerigos e Sé do Porto*.

Nicolau Nasoni e Luiz Chiari, por Carlos de Passos, na *Brotéria*, vol. XIII, p. 174.

As Belas-Artes Plásticas em Portugal durante o Século XVIII, por Luiz Xavier da Costa—Lisboa, 1934.

História de Portugal—Ed. da *Portucalense Editora*—Barcelos, 1934. *Arte: a arquitectura*, por Aarão de Lacerda.

Guia Histórica e Artística do Pôrto, por Carlos de Passos—Pôrto, 1935. *Sé Cathedral. Egreja dos Clerigos. Egreja da Misericordia. Palacio do Freixo*.

Nova Monografia do Pôrto, organizada por Carlos Bastos—Pôrto, 1938. *O Pôrto na Arte Nacional*, por Carlos de Passos.

construções, os críticos não são concordes. Todavia, todos lhe reconhecem a elegância das linhas — e daí, o ilustre Professor Sr. Dr. Aarão de Lacerda, ao referir-se à mais conhecida das obras de Nasoni, a Torre dos Clérigos, julgá-la, com muito acêrto, *erguida e vasada pela fantasia dum entalhador ainda prêso à relativa sobriedade dos artistas barocos* — e todos reconhecem também o sentido da proporção manifestado nos seus projectos.

Dos trabalhos desconhecidos de Nasoni, quero, hoje, baseado em documentos, revelar um, sito no termo do Pôrto, incluindo-o, dêste modo, no inventário da obra do architecto italiano. Refiro-me à igreja matriz de Sant'Iago de Bougado, freguesia da antiga Terra da Maia, hoje incluída na área do concelho de Santo Tirso. Pôsto que Alberto Pimentel, na sua monografia *Santo Thirso de Riba d'Ave*, tenha referido que tal igreja foi construída segundo o projecto de Nasoni, o certo é que ela não aparece citada pelos historiadores da arte. Daí a necessidade de pôr o facto em evidência, o que faço por êste meio, baseando-me — repito — em documentos.

Uma divagação à margem, — que vem a-propósito. Seja-me permitido dizer algo sôbre a natureza e proveniência dos documentos aludidos.

Trata-se das escrituras celebradas, para a construção da igreja, com o mestre pedreiro António Rodrigues. Existiam os originaes no arquivo paroquial de Sant'Iago de Bougado e foi o meu tio, já falecido, Rev. António Joaquim da Costa Cruz, quando Abade da mesma freguesia, que se deu ao cuidado de os copiar, juntamente com outros. Tenho em meu poder essas cópias e delas me sirvo (1).



Era muito antiga a vélha igreja de Sant'Iago de Bougado e nos meados do século XVIII não comportava todos os fregueses. O vélho reguengo de Bougado desenvolveu-se nos primeiros séculos da monarquia e sempre os seus moradores viveram na lei de Deus. No primeiro quartel do século XIII, D. Afonso II fêz doação da igreja ao Cabido da Sé do Pôrto e o Papa Honório III confirmou a doação aos dez das Kalendas de Janeiro do ano undécimo do seu Pontificado, ou seja em 1227 (2).

Era importante o rendimento da freguesia, pois só de *Censoria* pagava ela ao Cábido do Pôrto, na primeira metade do século XVIII, uns 280 alqueires de trigo e ao seu Abade cêrca de 800 mil réis. Graças a êste rendimento, foi possível a construção da nova igreja, como passamos a expor.

(1) Entre outros documentos copiados no mesmo volume, encontra-se o *Estatuto* da freguesia de Sant'Iago de Bougado, datado de 1608, peça importante e de grande interêsse para o estudo dos usos e costumes da época. Publicá-lo-ei, tão de-pressa as circunstâncias o permitam, em volume especial e acompanhado dum estudo.

(2) V. o documento respectivo no *Censual do Cabido da Sé do Pôrto*, edição da Biblioteca Pública Municipal do Pôrto, p. 67.

Depois de sagrado Bispo de Miranda, D. Diogo Marques Mourato continuou a arrecadar os rendimentos da freguesia de Sant'Iago de Bougado, de que fôra Abade. Mas longe de aplicar tais rendimentos aos seus gastos pessoais, deu-lhes um destino meritório que muito honra a sua memória.

A 1 de Agôsto de 1748, o Bispo de Miranda fazia seu bastante procurador, com livre e geral administração, ao Rev. D. Jerónimo de Távora e Noronha, moço fidalgo da casa de Sua Majestade e Deão da Santa Igreja Catedral do Pôrto, para que por si e em seu nome pudesse fazer as arrematações necessárias a officiais peritos da construção da nova igreja que pretendia fazer junto à antiga de Sant'Iago de Bougado. O mesmo procurador tinha já em seu poder e para a obra projectada, o produto da pensão que D. Diogo Marques Mourato reservara na mesma igreja.

No dia 28 daquele mês, o Rev. D. Jerónimo de Távora e Noronha substabelecia no Rev. Dr. Tomaz Barbosa de Sousa Vieira, Abade de Sant'Iago de Bougado, os poderes que lhe haviam sido conferidos. No dia seguinte, na *casa do conselho* do couto e honra de Fralães, Pedro de Oliveira Machado, tabelião do público judicial e notas no referido couto, lavrava a escritura necessária para se dar cumprimento à obra de pedraria da igreja, arrematada pelo mestre pedreiro António Rodrigues (1), morador na freguesia do Salvador de Minhotães, do têrmo de Barcelos.

O mestre pedreiro obrigou-se, por sua pessoa e bens móveis e de raiz e têrço da sua alma, a dar inteiro cumprimento à escritura, tendo apresentado por seus fiadores, para maior segurança, o capitão Frutuoso de Sá Felgueiras e Francisco da Costa, ambos daquela freguesia.

Segundo as condições da arrematação, a igreja seria construída junto da antiga e custaria 16 mil cruzados e 150 mil réis, no caso de ser *virada com a fronteira para o sul*, ou 17 mil cruzados e 350 mil réis, no caso da fronteira *ser virada para o nascente correndo pela eira abaixo*. A obra seria vista e examinada as vezes precisas por Nicolau Nasoni, e *não indo na forma*

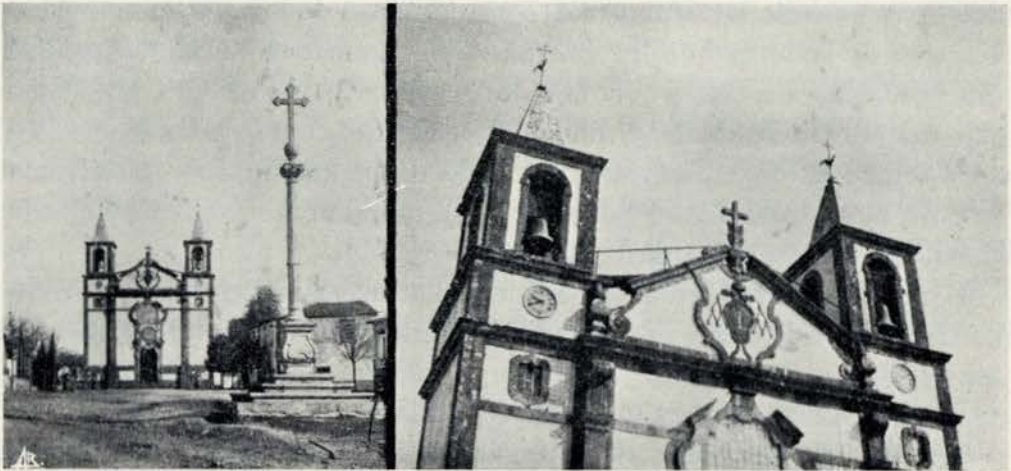
(1) Nos princípios de 1784, Manuel da Cruz Maia, escrivão da vara da Chancelaria da Relação do Pôrto, requereu que fôsse citado para falar a um *libelo de alimentos* o lavrador Domingos da Cruz Maia, natural de Sant'Iago de Bougado e herdeiro do Abade da mesma freguesia, P.^o Manuel da Cruz Maia. Alegava o requerente que era filho do referido Abade e que êste, emquanto vivo, sempre o protegera e que êle não podia, à data do requerimento, dispensar uma tal protecção, *já como filho de homem nobre, já como official da Rellaçam*, e ainda porque estava casado *com huma mulher nobre, em vespêras de filhos*.

Na sua contestação, o lavrador alegou a seu favor, entre outros motivos, o facto de a mãe do requerente, antes do nascimento dêste, viver amancebada com António Rodrigues, mestre pedreiro *que neste tempo fazia a Igreja da mesma freguesia*. A sentença foi proferida a favor do lavrador, de nada tendo valido ao requerente o facto de, um tanto abusivamente, usar dum nome que não lhe pertencia, procurando fazer-se passar por filho dum sacerdote que, na opinião de tôdas as testemunhas, fôra de um comportamento exemplar. Ficou de pé, todavia, a afirmação de que o requerente era filho do mestre pedreiro António Rodrigues (Ms. da colecção do autor).

da planta na segurança e bom feitio, mandaria êle demolir o que fôsse mal feito.

Não refere esta escritura, expressamente, que tinha sido Nicolau Nasoni o autor da planta que serviu para a arrematação, indicando-o apenas como *visitador* e fiscal da obra. O mesmo se não verifica na segunda escritura, que foi lavrada a 18 de Julho de 1754. Desta se conclue ainda que a obra começou apenas a ser executada, quando muito, dentro das condições do primeiro contrato.

A nova escritura — aquela que serviu para a execução total ou para acabamento da obra, pois que a dúvida subsiste a tal respeito e nenhum dos documentos a esclarece — foi lavrada, aos 18 de Julho de 1754, na casa do Deão D. Jerónimo de Távora e Noronha, sita na rua de *Ao pé da Sé* do Pôrto.



DOIS ASPECTOS DA IGREJA MATRIZ DE SANT'IAGO DE BOUGADO

António Rodrigues apresentou os mesmos fiadores da primeira escritura — que o tratam, agora, nas suas procurações, por *mestre architecto* — e comprometeu-se a fazer a obra da nova igreja, *na forma da planta última que se fêz*, pela quantia de cinco contos e vinte-e-cinco mil réis.

Segundo a mesma escritura, haviam sido gastos, até à data da sua celebração, 50\$240 réis, com novas plantas — por não servirem a primeira e a segunda — e jornadas do architecto Nicolau Nasoni. Qual o fim de tais jornadas, — êsse esclarecem-no os *apontamentos* transcritos pelo escrivão, no acto, e que se publicam a seguir. Por êles se verifica também que foi Nasoni quem *fêz o risco da nova planta*.

Eis os *apontamentos* que serviram para a execução do projecto:

«Os alicerces da igreja terão de sapata palmo fora, e palmo dentro; a capella mór lageada e altar de pedra e seus degraus como está na planta; a grade de páo á entrada da capella mór para a communhão; as portas da

sachristia e janellas onde [estão, sendo?] os altares da igreja quatro, tambem de pedra, e pia de batisar com seu armario onde está e pias d'agoa benta, as portas travessas e grades serão de conçoeriras enrelhadas com dobradiças capazes, com suas chaves tambem capazes e fechaduras, tingidas de vermelho com duas mãos d'oleo fervido, o pulpito será de grades de balaustres, e tambem a grade do arco do côro, e todas tingidas de cor de pedra; os ferros das grades serão de grossura bastante, nem mais delgados dos velhos; as grades não serão mais largas de palmo em quadro; os caixilhos das vidraças tambem de castanho com conçoeira; os vidros capazes com suas redes por fora e tudo envernizado tanto o páo como o ferro; todas as paredes guarnecidas de cal bem direitas e caiados de branco; as abobadas de tijollo bem feitas e brancas; o madeiramento do telhado será de castanho, sem ter em si outra casta de madeira; os barrotes serão de bitola como os velhos da igreja, que esses poderão servir; as linhas serão de oito palmos, ou dez de vão, terão na ponta um palmo de grosso e o mais madeiramento á proporção, as ripas serão capazes e de receber, e todos os madeiramentos feitos segundo a arte com bôa pregaria, e tudo será revisto de mestres das obras; se a madeira for má e alguma cousa mal feita serão obrigados os mestres a tornar a fazer tudo á sua custa, dando primeiro juramento aos louvados do que julgam a sua consciencia a tudo o que aqui expressamente senão declara por falta de palavras com tanto que for necessario para bom fim da obra se em dará por expresso como se aqui fôsse declarado, e deixado só por inadvertencia tanto que não seja acrescentamento ou innovamento de planta, porque n'elle tudo está bem claro, e o mestre que tomar esta obra será obrigado a dar a igreja acabada a porta fechada sem lhe faltar nada e que será para esta obra serão os freguezes obrigados acarretar o tijollo, telha e cal que for precisa digo que for necessario para a sobredita obra, dando-lhe o mestre a cal fora dos muros da cidade, para d'ahi a levarem para a dita obra; e que se declara mais que se tira da altura da planta em roda palmo e meio de altura, excepto na fronteira, que está abatida como deve ser, e se declara mais, a pedraria para a esquadria da dita obra, se cortará no monte de São Christovão do Muro, e a alvenaria se tira do meio da freguezia á parte do poente, que sempre será capaz para que fique segura a dita obra, e que o mestre que tomar a obra será obrigado a deixar primeiro que desfaça a velha como do coberto em que o povo possa ouvir missa, de sorte que a obra corra sempre e fique o povo tambem accommodado; e que sendo necessario que vá ver a dita se vai na forma da planta e com toda a segurança; e juntamente riscar e determinar o que só for necessario para melhor da obra. E irá o dito Nicolau Nazoni que fez o risco da dita planta, riscar e determinar, não parando nunca a dita obra pela sua falta, o qual irá á custa do deposito, e não por conta do mestre. E que outro-sim se fará outra planta irmã para segurança se se perder ou tiver desvio a outra, a qual assignará o mestre que tomar a obra; e que será mais obrigado o mestre que tomar a dita obra a por um letreiro gravado sobre a porta prin-

cipal da igreja no sitio que já para isso está determinado, o qual dirá as palavras seguintes:—Todo este templo mandou fazer por a sua grande piedade o Excellentissimo Senhor Dom Diogo Marques Mourato, abbade que foi d'esta igreja e bispo de Miranda. Anno de tal. E tambem se lhe porá no logar destinado as suas armas...»

Como nota final, acrescento que o projecto de Nasoni não teve execução completa, pelo que a igreja está por concluir. A pedra para o brasão de D. Diogo Marques Mourato, por exemplo, lá está no lugar respectivo, — mas sem que as suas armas tenham sido gravadas. O remate das tórres é o mais provisório que é possível imaginar-se, pois não passa duma pirâmide construída de tejo e revestida exteriormente com fragmentos de azulejo do século XVII, certamente retirados da igreja velha, — quando tal remate, como tudo parece indicar, devia ser uma cúpula de pedra. Faltam apenas os remates dos cantos, as pirâmides, — que tanta graça davam às construções da época. A explicação de tal facto é o seguinte: o mestre pedreiro António Rodrigues enganou-se nos cálculos que fêz, pois as fundações da igreja ficaram muito caras devido a não ter encontrado rocha mas sim camadas de terra e areia — esta vulgar no sítio, a uns tantos metros de profundidade, e justificada pelo próprio topónimo *Lagôa*, nome da aldeia onde está sita a igreja — e daí o ver-se obrigado a abandonar a obra, depois de nela haver gasto os seus próprios haveres. Sirvam estas linhas, se outro mérito não tiverem, de incentivo a alguém que generosamente queira custear a conclusão da igreja matriz de Sant'Iago de Bougado, obra de Nicolau Nasoni.

Cadouços, S. João da Foz do Douro, Janeiro de 1940.

ANTÓNIO CRUZ.



O TÚMULO DE MARTINHO AZPILCUETA EM SANTO ANTÓNIO DOS PORTUGUESES, EM ROMA

NA linda igreja de Santo António dos Portugueses, em Roma, encontra-se o túmulo do grande canonista navarro Martinho Azpilcueta, que a munificência de El-Rei D. João III conseguiu atrair de Salamanca para a Universidade de Coimbra.

O grande Mestre veio a Roma, já vélho, na idade de 75 anos, para defender, ante a Cúria Romana, a causa do Arcebispo de Toledo, Carranza. Isto foi no ano de 1567.

Acabada a causa com sucesso triunfal, o Doutor Navarro, já cansado, deliberou demorar-se na Cidade Eterna, rodeado pela admiração de tóda a gente, que ficava espantada com o seu grande saber, com a fôrça do seu raciocínio e com a sua extraordinária eloqüência. «Estes dotes, diz Rossi, faziam esquecer a sua curiosa silhueta de ancião emmagrecido, todo pele e ossos».

Considerando a sua veneranda ancianidade e o seu grande valor intelectual, foi-lhe concedida a honra extraordinária de poder levar nas mãos o Ostensório, numa procissão religiosa organizada em Roma poucos meses antes da sua morte. Êle tinha, nesta



MARTINHO AZPILCUETA † 1586

altura, 94 anos, e o povo dizia ter visto o vélho Simeão com o menino Jesus nos braços!

Morreu com a idade de 94 anos, 6 meses e 8 dias, no dia 11 de Julho de 1586. Julgo interessante publicar o busto e a inscrição do seu túmulo:

MARTINUS AB AZPILCUETA NAVARRUS
 DIVINI HUMANIQUE JURISCONSULTUS
 QUI SALMANTICÆ PRIMUM DEINDE CONIMBRICÆ
 FAVENTIBUS PORTUGALLIÆ REGIBUS JUS PONT. DOCUIT
 ROMAM PROPECTUS PIO V, GREG. XIII, SIXTO V, P. P. M. CARUM
 OMNIBUS NATIONIBUS GRATUS HUIC XENODOCHIO BENEFICUS
 OBIIT XI KAL. JUL. MDXXVI
 ETATIS ANNO XCIV, MENS. VI, DIES VIII
 MULTIS DOCTRINÆ PERVULGATIS MONUMENTIS.
 MARTINUS ZURIA, AVUNCOLO B. M. P.

GUIDO BATTELLI.



CARICATURISTAS PORTUGUESES

X

CELSO HERMÍNIO

Após uma rápida passagem pelas fileiras do exército, começou Celso Hermínio a revelar-nos a sua forma de desenhar original e irreverente. Foi isto por 1892 e, desde então, até que a morte o arrebatou em pleno triunfo duma carreira, pode dizer-se que nem um só dia deixou de ocupar o seu lápis estranho.

Dêsse trabalho persistente saíu uma dupla obra: a de combatente e a de crítico. A primeira perdeu naturalmente muito do seu interesse, dada a evolução social e política a que temos assistido, mas a última conserva uma frescura e uma naturalidade de muito agrado.

A certa altura da sua marcha artística, um valor da imprensa brasileira daquela época, o Dr. Fernando Mendes, convidou Celso para seu colaborador artístico no *Jornal do Brasil*. Aceite o convite, partiu o caricaturista para o Rio de Janeiro, mas cedo a nostalgia da terra-mãe o obrigou a recuperar o convívio dos seus camaradas no cultivo das letras, das artes e da boémia lisboeta (1).

Data do seu regresso a Portugal a fase mais intensa e, sem dúvida, mais brilhante da sua produção como humorista e como ilustrador, produção que se encontra lamentavelmente dispersa por livros, revistas e jornais, alguns destes de bem efémera existência.

Ainda Celso Hermínio se entregou à pintura,



CELSO HERMÍNIO
(Auto-caricatura) (2)

(1) Bem digna de apreço é a geração literária do trato de Celso Hermínio. Pertenceram-lhe, além doutros, António Nobre, João da Rocha, José de Figueiredo, Raúl Brandão e os Srs. Alberto de Oliveira, Antero de Figueiredo, Eugénio de Castro, Júlio Brandão, Justino de Montalvão e D. João de Castro que veladamente romantizou os seus confrades em *Os Malditos* (2.^a ed., Lisboa, 1896). Celso é Paulo Hortêncio do romance.

(2) Reprod. de *A Carantonha* — Lisboa, 1899.

embora essa faceta do seu talento seja apenas do conhecimento de raros daqueles que foram da sua privança.

Como decorador, deixou o seu nome ligado às ornamentações da Avenida da Liberdade, no Carnaval de 1904.



CELSE HERMÍNIO (Celso Hermínio de Freitas Carneiro) nasceu em Lisboa a 2 de Março de 1871 e faleceu na mesma cidade a 8 de Março de 1904.

Autor de:

O Carnaval Desmascarado — Lisboa, 1903.

Director artístico de:

O Universal — Suplemento Ilustrado — Lisboa, 1892.

O Micróbio — Lisboa, 1894 e 1895.

O Berro — Lisboa, 1896.

O Diabo — Rio de Janeiro, 1898.

A Carantonha — Lisboa, 1899.

Colaborador artístico das revistas:

O António Maria — Lisboa, 1894.

Revista d'Hoje — Lisboa, 1894 a 1896.

Arte — Coimbra, 1895 e 1896.

Branco e Negro — Lisboa, 1896 a 1898.

D. Quixote — Lisboa, 1896 e 1897.

O Branco e Negro — Lisboa, 1899.

Brasil-Portugal — Lisboa, 1899 a 1904.

A Paródia — Lisboa, 1900 a 1902.

O Arauto — Lisboa, 1901.

Diário de Notícias Ilustrado — Lisboa, número do Carnaval de 1900 e do Natal de 1900 a 1904.

Comédia Portuguesa — Lisboa, 1902.

Paródia — *Comédia Portuguesa* — Lisboa, 1903.

O Pagode — Pôrto, 1904.

Colaborou, além doutros, nos seguintes jornais:

Diário de Notícias — Lisboa, 1899 a 1904.

A Tribuna — Lisboa, 1902 a 1904.

O Dia — Lisboa, 1903.
Diário da Tarde — Pôrto, 1903 e 1904.
A Fôlha — Lisboa, 1903.

Do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, foi correspondente artístico em Lisboa e seu ilustrador efectivo, quando residente na capital brasileira.

Ilustrou a 3.^a edição de *Lisboa em Camisa*, de Gervásio Lobato — Lisboa, 1898 e *O último ano dum século*, de Arnaldo Fonseca — Lisboa, 1899; com Roque Gameiro, *A Guerra Anglo-Boer* — Lisboa, 1903; com Francisco Teixeira, *Livro Proibido*, de Fialho de Almeida, Abúndio Gomes (Henrique de Vasconcelos) e Manuel Penteado — Lisboa, 1904 e traçou a capa de *Versos*, de Alfredo da Cunha — Lisboa, 1899.

Desenhos seus em :

Biblioteca Internacional, dirigida por Eugénio de Castro — Coimbra, 1896.
Seara Alheia, coordenação de contos, dirigida por Alfredo Mesquita — Lisboa, 1897.
Arte e Artistas Contemporâneos, de Ribeiro Artur — 2.^a e 3.^a séries — Lisboa, 1898 e 1903.
Almanaque Ilustrado do Brasil-Portugal — Lisboa, 1900 e 1901.
Almanaque Ilustrado do jornal O Dia — Lisboa, 1904 e 1905.
Em Flagrante, por António Baptista — Lisboa, 1906.
Memórias, de Raúl Brandão — 1.^o vol. — Pôrto, 1909.
O Diário de Notícias. A sua fundação e os seus fundadores, por Alfredo da Cunha — Lisboa, 1914.

É autor, também, duma página do *Álbum-Homenagem a Rafael Bordalo Pinheiro* — Lisboa, 1903; do cartaz do sarau da Tuna Académica de Coimbra, no Teatro D. Amélia, em 1904; de duas séries de postais ilustrados, coloridos: *Celebridades Portuguesas e Tipos Populares* e do «ex-libris» de João da Rocha.

Concorreu à Exposição de Arte na Fotografia Guedes, Pôrto, em 1897 e à do Grémio Artístico, em Lisboa, em 1899. No Salão dos Humoristas Portugueses, em 1912 e na I Exposição de Arte Retrospectiva (1880 a 1933) promovida pela Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1937, estiveram patentes desenhos de sua autoria.

XI

JULIÃO MACHADO

Discípulo de desenho de José Malhoa e freqüentador, em Paris, do *atelier* de Cormon, é, no entanto, no Brasil que mais se desenvolveu o nome de Julião Machado como caricaturista. Ali permaneceu mais de vinte anos, conquistando, graças ao seu verdadeiro mérito, o primeiro pôsto de entre os artistas da especialidade que, ao tempo, trabalhavam no Rio de Janeiro.



JULIÃO MACHADO
(Auto-caricatura) (1)

A sua forma de desenhar, minuciosa e correcta, tê-lo-iam levado talvez para o terreno da iluminura, se não fôra dotado dum espírito crítico muito fino e elegante.

Não é grande a obra pròpriamente executada em Portugal, mas é bastante para firmar a personalidade do seu autor entre os humoristas portugueses de melhor renome.

À data do seu falecimento, occupava-se Julião Machado, com esmêro e paixão, em ilustrar uma nova edição dos *Lusíadas*. Êsses originaes, cujo actual paradeiro se desconhece, ao que nos informam, constituiriam um novo triunfo para o galante

comentador da vida lisboeta dos últimos anos do século passado.

O nosso Artista cultivou também o teatro, deixando o seu nome nas peças *A Bandeira*, *O Primo Álvaro*, *Influência atávica*, *Suicídio de Juventino* e *O Modêlo*, sendo esta representada em Lisboa, no Teatro Politeama, por uma companhia de que faziam parte Aura Abranches e Chaby Pinheiro.



JULIÃO MACHADO nasceu em Luanda a 19 de Junho de 1862 e faleceu em Lisboa a 1 de Setembro de 1930.

(1) Reprod. da *Ilustração Portuguesa* — 2.^a série, 15.^o vol. — Lisboa, 1.^o semestre de 1913.

Director artístico de:

- A Comédia Portuguesa* — Lisboa, 1888 e 1889.
A Baixa — Lisboa, 1891.
A Bruxa — Rio de Janeiro, 1896.
A Cigarra — Rio de Janeiro, (?)
A Comédia Fluminense — Rio de Janeiro, 1901.

Colaborador artístico das revistas:

- O Diabo Coxo* — Lisboa, 1886.
Revista Ilustrada — Lisboa, 1887.
Pontos nos ii — Lisboa, 1890.
Ilustração Portuguesa — 1.^a série — Lisboa, 1903.
Brasil-Portugal — Lisboa, 1904.
Serões — 2.^a série — Lisboa, 1910.
O Comércio do Pôrto Ilustrado — Pôrto, número do Natal de 1934.
Portucale — Pôrto, 1930.

Ilustrou os livros *Um conto de réis*, por Carlos Faria — Pôrto, s. d.; *O País das Uvas*, por Fialho de Almeida — Lisboa, 1893; *Fábulas de Bocage* — Lisboa, 1903 e desenhou as capas de *A Farça*, de Raúl Brandão — Lisboa, s. d.; *História Topográfica e Bélica da Nova Colónia do Sacramento no Rio da Prata* — Rio de Janeiro, 1900 e *Santos da Casa*, de Henrique Lopes de Mendonça — Lisboa, 1923.

Desenhos seus em:

Impressões de Teatro, de Joaquim Madureira (Braz Burity) — Pôrto, 1905 e *Galeria Histórica*, sob a direcção de Henrique Lopes de Mendonça.

São de sua autoria os «ex-libris» da Sr.^a Dr.^a Branca Rumina e do Sr. Francisco Simões Ratola e o cartaz do Carnaval no Pôrto em 1905, festejos promovidos pelo Clube dos Fenianos.

Da sua longa residência no Rio de Janeiro merece registo especial a colaboração literária e artística no diário *O Paiz*.

Na Casa dos Patudos, em Alpiarça, existe uma produção de Julião Machado como fazendo parte da colecção organizada pelo temperamento requintado de José Relvas.

ALBERTO MEIRA.

ALGUNS ASPECTOS EROSIVOS DOS GRANITOS DO NORTE DE PORTUGAL

NESTA breve nota vou referir-me a alguns curiosos aspectos erosivos nos granitos do Norte de Portugal, a maior parte dos quais observei em S. Mamede de Riba Tua.

Esta povoação, aglomerado de casas semelhante aos lugarejos luso-romanos, assenta em formações xisto-granitosas, em que o metamorfismo de contacto tam bem se evidencia. Limita-a a Oeste um ribeiro, na sua fase juvenil, de características torrenciais.

Mesmo sobranceiros à povoação, na margem esquerda do ribeiro, erguem-se os montes de granito que a desagregação motivada por altas amplitudes térmicas, por acções químicas e pela acção do gélo, a pouco-e-pouco foi transformando em vértices caóticos e ruñiformes, a que os pinheirais têm pôsto sustentáculo.

Petrográficamente estas formações granitosas são constituídas por granito de duas micas, de grão grosso, com pequenos fenocristais de ortose, por vezes maclados segundo a lei de Carlsbad.

É nos blocos das formações ruñiformes que estão fronteiriças à povoação, mas num nível superior, na encosta do monte Alvaredo, mui pouco abaixo do caminho para os Colados e para a Fraga, que encontramos cavidades mais ou menos profundas, que se aproximam das escudelas lapiares, de tipos de passagem às marmitas lapiares, das próprias marmitas ou dos tafoni, apresentando-se também perfurações e blocos cavados inferiormente.

Impossível é tratar-se de tafoni, porque Riba Tua está situada a cêrca de 110 quilómetros do Oceano (isto em linha recta), encravada no seio da província de Trás-os-Montes e Alto-Douro, e os tafoni são tipicamente litorais.

A gente de Riba Tua, de alma chã, rude, mas sonhadora, não deixa de lhes atribuir significado lendário, a que as mouras encantadas dão o seu maior realce.

As formas de erosão que vamos descrever são devidas a agentes de origem externa, como a atmosfera, a água e os organismos vivos.

É natural, e sempre sucede, que as acções erosivas mecânicas e químicas sejam conjuntas, embora um dêstes tipos predomine. Nos casos que vamos estudar é o tipo químico o predominante.

Como faz notar o Prof. Fleury (1), tanto as escudelas lapiares como as marmitas lapiares e os tafoni são formas de corrosão, provocadas por acções químicas e nunca resultantes da acção do «mouvement giratoire des eaux ou de la glace sous l'action du vent».



Fig. 1

Vamos ensaiar a explicação dos casos de erosão que se vêem nas fotografias e aos quais depois nos referiremos.

As diaclases, em especial, mas mesmo qualquer depressão, são os pontos nevrálgicos da desagregação química dos granitos.

A acção dos agentes atmosféricos e da água é poderosíssima. As águas meteóricas, carregadas de anidrido car-

bónico, são o dissolvente poderoso, primacial, que, embora vagarosamente, acciona sobre os elementos constituintes da rocha, aproveitando os pontos fracos desta, que, evidentemente, são as fracturas ou diaclases e as depressões, onde se acumula.

O feldspato é caolinizado, transformando-se numa mistura de gels hidratados de alumina e sílica. Dá-se primeiramente a hidrólise do feldspato, formando-se sílica coloidal, continuando-se a transformação pela acção da água carregada de anidrido carbónico. O caolino, sendo uma argila, pode supor-se uma mistura de substâncias inertes, não plásticas, em que cada partícula é rodeada por um gel, sendo as partículas e os gels compostos de sílica e de alumina (2). O ácido silícico formado, segundo a opinião de Heim e Choffat (3), vai cimentar as paredes das cavidades, que já não são atingidas pela água.

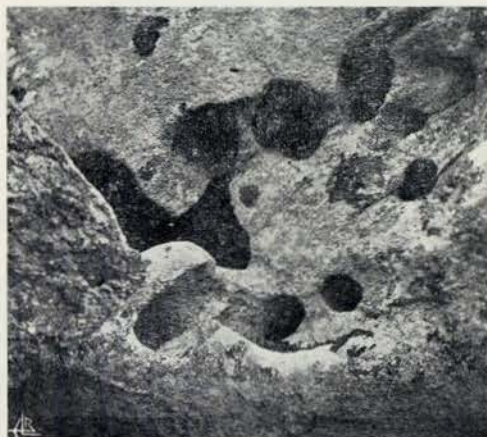


Fig. 2

(1) Ernest Fleury — *Formes de desagregation et d'usure en Portugal* (Mémoires publiés par la Société Portugaise des Sciences Naturelles, série géologique, n.º 1), Lisboa, 1919, pág. 85.

(2) W. Kopaczweski — *Traité de biocolloïdologie*, tome II, *Biocolloïdes*, fasc. I, (Geocolloïdes-phytocolloïdes), Paris, 1931, pág. 23.

(3) Paul Choffat — «Notes sur l'érosion en Portugal; I Sur quelques cas d'érosion atmosphérique dans les granites du Minho (Tafoni)», in *Com. dos Serv. Geológicos de Portugal*, tomo 3.º, pág. 21.

A biotite é baueritizada, isto é, sofre uma descoloração, passando da cor negra, pelo amarelo-ouro, a branca-acinzentada, por perda dos elementos ferruginosos. A água, carregada destes elementos ferruginosos, penetra a pouco-e-pouco as capas superficiais do granito, dando-lhe uma cor avermelhada nas regiões de mais forte alteração.

Tanto o feldspato, como a biotite, e mesmo também a moscovite, sofrem, portanto, uma decomposição hidrolítica originando colóides, tais como a sílica, hidratos férricos e alumínicos e gels silícicos.



Fig. 4

Os grânulos de quartzo ficam salientes, formando asperezas na superfície da rocha, e a pouco-e-pouco vão caindo com a continuação da desagregação dos outros componentes, originando areias eluviais.

São estas transformações químicas desagregativas que se notam excessivamente naqueles granitos (1).

É ao longo das diaclases que se vê, num bloco de consideráveis dimensões (figs. 1 e 2), um conjunto de perfurações estreitas e profundas, cujos diâmetros variam entre oito a dezassete centímetros, e cuja profundidade média é de doze a vinte centímetros. Estas perfurações, umas circulares, outras um tanto irregulares, são produzidas pela acção desagregante das águas meteóricas carregadas de anidrido carbónico, corrosão dirigida pelos factores petrográficos da rocha.

A mesma origem tem a escavação dum outro bloco (fig. 3) que, embora lembre as escudelas, é já uma verda-



Fig. 3



Fig. 5

(1) Só me refiro a alguns dos mais interessantes casos erosivos, dos muitos que vi na região de S. Mamede de Riba Tua.

deira marmita lapiar. As suas dimensões já são maiores, cerca de meio metro de largura e vinte-e-três centímetros de profundidade. A acção erosiva da água carregada de anidrido carbónico far-se-ia numa depressão. No



Fig. 6

entanto, aqui, a acção desagregante corrosiva é mais intensa e mais rápida, por que o fundo da cavidade está coberto por água que ali ficou das chuvas, e as muscíneas forram-a por completo. Sobre estas nasceram e desenvolvem-se pequenas plantas herbáceas; as suas raízes penetram nas fendas e pelo seu crescimento dilaceram a rocha, e os sucos ácidos, vertidos por exsmose, exercem também uma acção importante de corrosão química, pois não nos devemos esquecer de que a vegetação dá origem também à formação de argila, desdobrando por hidrólise os silicatos complexos. Devo notar que todos os blocos estudados estão cobertos por líquenes.

Na serra da Falperra, Braga, notei em alguns blocos das formações graníticas, de natureza porfiróide, com enormes feno-

cristais de feldspato, «granito dente de cavalo», a existência de escudelas lapiares, numa fase juvenil, nas quais se viam água e depósitos resultantes da contínua desagregação química (fig. 4).
 Dos casos mais curiosos que observei é o de um bloco de granito, de forma aproximadamente cúbica, sendo o comprimento aproximado da aresta do cubo de dois metros, que se apresenta profundamente recortado, como se pode ver pelas figuras 5 e 6. As cavidades apresentam-se bastante profundas, oscilando as suas profundidades entre 60 a 95 centímetros, e estão separadas por paredes pouco espessas, como se vê pelas figuras, mas belamente recortadas, com formas um tanto caprichosas. Parte de uma dessas paredes foi também erodida, como se vê nas gravuras (figs. 5 e 6).



Fig. 7

A origem destas cavidades é idêntica à das anteriores perfurações, isto é, originadas numa diacrise, numa das frentes do bloco, orientada segundo o plano diagonal, da direita para a esquerda, e depois a erosão foi condicionada pela divergência diferencial dos caracteres mineralógico-

-petrográficos da rocha. As paredes das cavidades, que se iam formando, foram-se cimentando pelo ácido silícico, consoante a água que enchia as cavidades ia descendo de nível, a-par e passo que se fazia a desagregação por caolinização.

Não sòmente a água meteórica se encontra nas cavidades inferiores do bloco, como também as regiões cobertas por ela estão forradas de musgos. No fundo da cavidade superior encontram-se algumas areias muito finas e palhetas de mica, de coloração cinzenta-esbranquiçada (biotite baueritizada), e algumas fólhas acerosas de qualquer pinheiro circunvizinho, para ali transportadas pelo vento. Natural é que aqui a acção do vento se fizesse sentir, como também na formação das perfurações do primeiro bloco, a que me referi, mas sòmente como circunstância muito secundária.

Estas cavidades devem ser consideradas como marmitas lapiares, pois caem absolutamente no âmbito daquelas formas de corrosão a que o Prof. Fleury (1) se refere na sua publicação *Formes de desagregation et d'usure en Portugal*.



Fig. 9



Fig. 8

Em Calcedónia, Gerez, em formações graníticas, com grandes fenocristais de feldspato, fotografou o Sr. Dr. Carlos Teixeira alguns curiosos aspectos erosivos (fig. 7), que se assemelham aos que me acabo de referir. São semelhantes aquelas cavidades à que Paul Choffat se refere no seu artigo (2), notando-se bem as suas paredes, as quais desaparecem do lado de maior pendor ou inclinação da rocha.

A origem destas cavidades é no todo semelhante à das que citei na região de S. Mamede de Riba Tua.

Um interessante caso de erosão, e que se nos afigura de mais difícil explicação, é o do bloco cavado, pedra com cúpula (fig. 8), do monte Alvaredo, em Riba Tua.

É costume atribuírem estes blocos graníticos cupuliformes a constru-

(1) Ernest Fleury — Ob. cit., págs. 84 e 85.

(2) Paul Choffat — Ob. cit., pág. 17.

ções realizadas pelo homem pre-histórico, mas, embora alguns lhes servissem de habitação, não foi êle, com os seus poucos recursos, que gizou aquêles abrigos e lhes deu a sua forma. Foi, sim, a natureza, na sua obra de constante transformação, que os desenhou.

Mesmo a cavidade a que nos estamos a referir, embora grande, não tem as dimensões suficientes para um abrigo, visto que o seu comprimento máximo é de dois metros, a sua largura de um metro e sessenta, sendo a altura de oitenta-e-cinco centímetros.

Atribuimos a origem desta escavação, isto é, desta «*pierre à cupule*», como o Prof. Fleury classifica os acidentes erosivos dêste tipo, à corrosão, originariamente química, semelhante à dos outros blocos, tanto mais que no tecto da cúpula se notam os restos das paredes que a princípio se formaram e que a pouco-e-pouco, consoante a sua formação, se foram também desagregando.



Fig. 10

O Sr. Dr. Arnaldo Rozeira fotografou próximo de Queirã, Vouzela, uma «*pedra cavada*», como lá dizem, que não é mais do que uma pedra com cúpula. Pela fotografia (fig. 9), que reconhecidamente agradeço, nota-se que aquela for-

mação erosiva é de muito maiores dimensões do que a de Riba Tua, mas com o mesmo tipo de origem, e cujo tecto (fig. 10) é semelhante ao tecto da cúpula do bloco de S. Mamede de Riba Tua. O bloco em que aquela escavação se encontra é granitoso, fazendo parte do conjunto ruíniforme da região, e o granito, segundo me disse o Sr. Dr. Arnaldo Rozeira, é de grão grosso, com alguns, mas pequenos, fenocristais de feldspato.

Não devo deixar de mencionar a existência dum campo lapíar granitoso no planalto da Chã de Alijó, não mui longe e a Norte desta vila, que vi quando fui estudar o dólmen da Fonte Coberta (1). Numa ulterior nota darei a conhecer aquêle campo lapíar, semelhante ao que Paul Choffat localiza entre Borrageira e a garganta de Leonte (2) e ao que o Prof. Fleury situa entre Vimioso e Santo Adrião (3).

Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências do Pôrto, Dezembro de 1939.

J. M. COTELO NEIVA.

(1) J. M. Cotelto Neiva — «O dólmen da Fonte Coberta na Chã de Alijó», in *Boletim da Associação da Filosofia Natural*, tómo I, n.º 5 — Pôrto, 1938.

(2) Paul Choffat — *Ob. cit.*, pág. 22.

(3) Ernest Fleury — «Sur la signification et le rôle de la lapíésation dans la désagrégation des roches granitiques en Portugal», in *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, tómo 168, Janeiro-Junho, 1919, pág. 896.

NÓTULA

PELOURINHO DE PINHOVELO, CONCELHO DE MACEDO DE CAVALEIROS

A gravura reproduz o pelourinho existente na vila de Pinho-velo, antigo concelho, hoje incorporado no de Macedo de Cavaleiros.

O pelourinho compõe-se das quatro partes seguintes:

Plataforma, com dois degraus;

Base, quadrangular, ao meio da plataforma;

Coluna, emergindo da base, oitavada, ornada de besantes em duas cintas e ornatos em ponta de diamante no meio delas, tudo disposto em quatro das faces do fuste; no capitel, que é quadrangular, lê-se a data: 1776;

Remate misto, do tipo de pirâmide embolada, encimando um paralelepípedo onde se vêem, numa das faces, as armas nacionais, com a orla dos castelos.

Altura: quatro metros.

Material: granito.

Bibliografia e iconografia: Fotogravura na *Ilustração Transmontana*, 1910; Luiz Chaves, *Os pelouros portugueses*, 1930; P.º Francisco Manuel Alves, *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, vol. VIII, 1932.

A. C.

MARQUES ABREU

OFICINAS DE FOTOGRAVURA



Avenida Rodrigues de Freitas, 310

PÔRTO

CASA FUNDADA EM 1900



Pela magnífica instalação destas oficinas, pelo moderno e aperfeiçoadíssimo material adquirido e ainda pela larga escala em que se trabalha, são as que melhor podem servir o público com

R A P I D E Z,

P E R F E I Ç Ã O

E E C O N O M I A



AUGUSTO

GOMES

Preço 5 escudos